a Cena muda

CINEMA e RÁDIO

Dick Farney e Fada Santoro a nova dupla

Tab Hunter, o brotinho de Hollywood

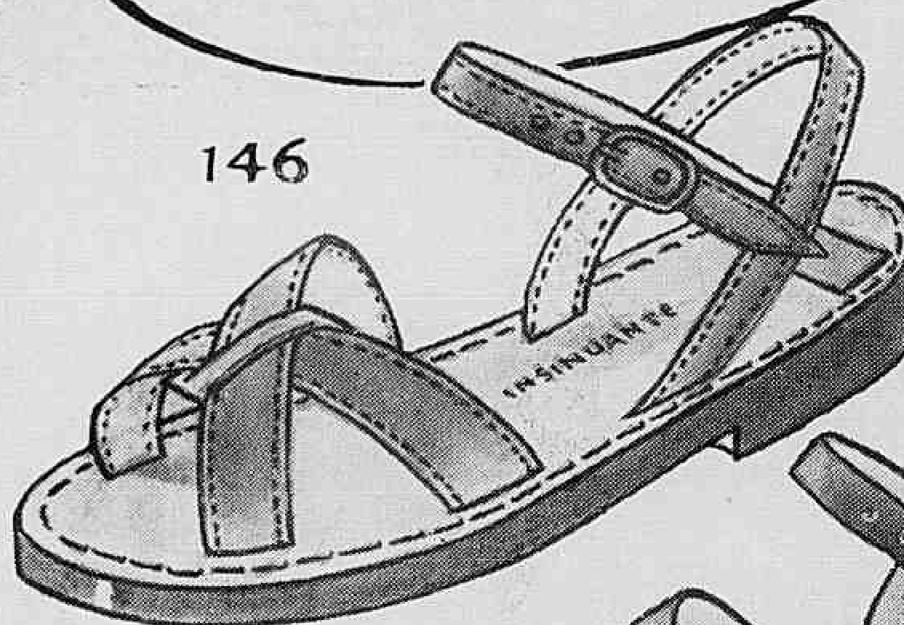
CINE-ROMANCE: **"PÁSCOA de SANGUE"**

N.º 5 ★ 28-1-53 ★ CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL

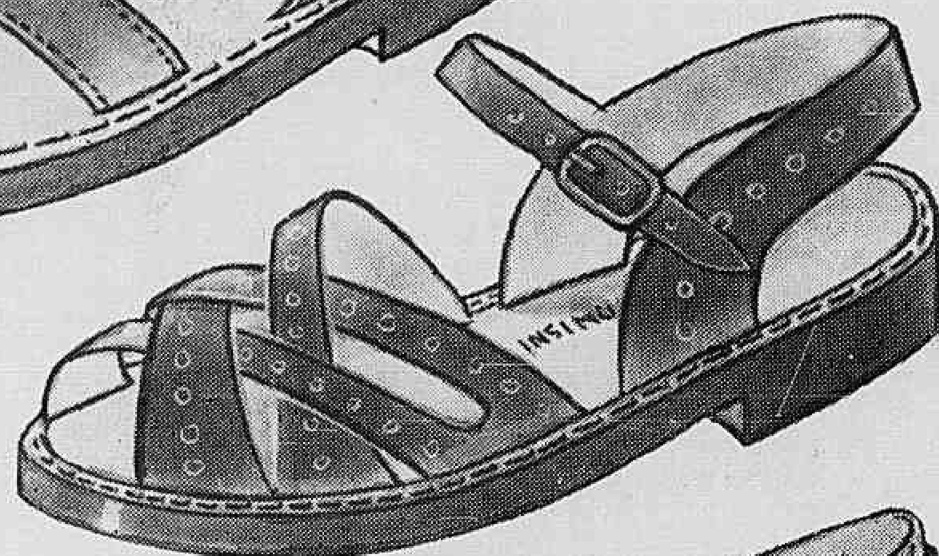


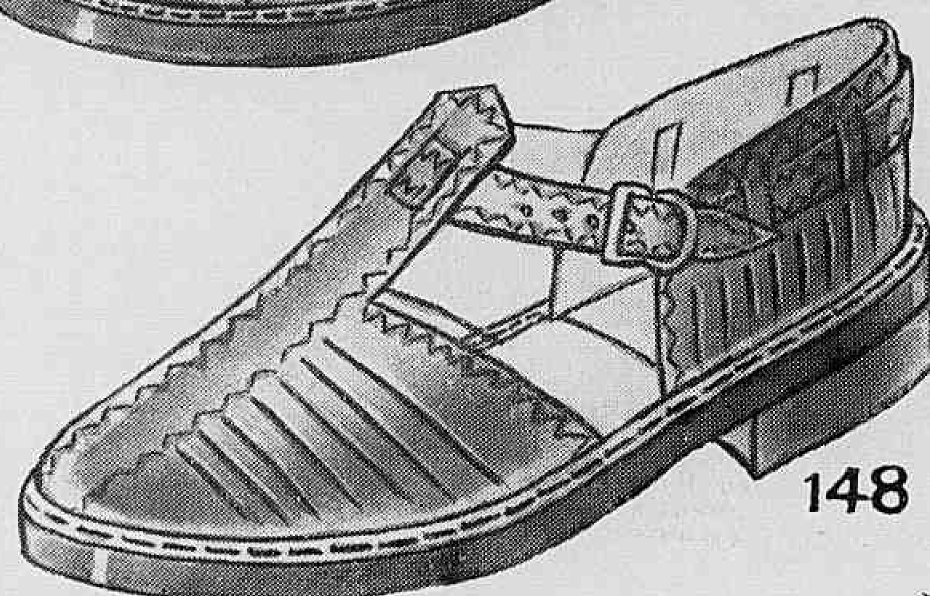
insinuante lança o grito de CARNAVAL!...

146



147





148

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

146 — Preço Cr$ 68,00 — 72,00 — 75,00. Respectivamente de 20/27, de 28/32 e de 33/44. Um artigo confortável, orático e durável. Para tôdas as idades e para os dois sexos.

147 — Preço Cr$ 100,00. Num : de 37/44. Um sapato-sandália cem por cento. Vale muito mais!

148 — Preço Cr$ 138,00. Num.: de 36/44. Este, reúne todos os predicados. Vale o dôbro!

Remetemos para todo o Brasil, porte por par: 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

INSINUANTE DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais:

Dick Farney e Fada Santoro, a nova dupla do cinema brasileiro, por Paulo Brandão	4-5-6
Escritores que se tornam diretores	11
Tab Hunter, o brotinho de Hollywood	18-19

Cine-romances:

Prata Maldita	12
Gênio da Lâmpada	14
Páscoa de Sangue	16-17

Seções permanentes:

Estréias no Mundo do Cinema..	7
Telas da Cidade	8-9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional, e Atrás das Cameras	10
Cine-Mundial	13
Hollywood Boulevard	15
Cena-Responde e Cine-Crítica do Leitor	20

RÁDIO

Reportagens especiais:

O carnaval na Tupi	21-22-23
Hilda Barros é escrava do Rádio	25-26
Rogéria a frente do Concurso da "Rainha do Rádio"	27-28

Seções permanentes:

Comentário, por Milton Salles ..	3
Daqui, dali, dacolá, Disse-me-disse e Vale a Pena Saber ..	24
Sintonizando, Rádio - Social e Pontos de Vista	33

Música popular:

Para você cantar	30

Rádio-Novela:

As Rosas de Maria Angélica — Capitulo 22	31-32

COMENTÁRIO

NA MESMA TECLA...

Quando se aproxima o período carnavalesco, os compositores cujas músicas não conseguem o sucesso almejado, desancam, invariàvelmente, os discotecários das nossas principais emissoras. Voltamos, então, a auvir frases que já se tornaram verdadeiros chavões: "Fulano está subvencionado pelo compositor tal!", "Sicrano leva tanto por fora para programar as músicas de beltrano", e por aí afora.

Apesar de existirem discotecários que levam gratificações de autores e sociedade, a verdade — doa a quem doer — é que não são esses cavalheiros que ditam os sucessos momescos, nem são êles que fazem uma composição cair no goto do público.

Se não vejamos: Ari Barroso reclama, quase sempre, que as suas melodias carnavalescas são sabotadas pelos homens que cuidam da música em conserva nas emissoras cariocas. Entretanto, o ano passado, uma de suas marchas, gravadas pelo veterano Mário Reis, apesar de insistentemente executada pelos prefixos guanabarinos, não obteve a preferência dos foliões. Outro exemplo: Oldemar Magalhães, parceiro de diversos compositores, êste ano não conseguiu que as suas músicas se destacassem, com exceção de "Barracão", apesar de insistir com a execução das mesmas na Rádio Tamoio. Mais outro exemplo: Paquito e Romeu Gentil, dois compositores reconhecidamente pobres, que não dispõe de verba para dar jabaculês aos discotecários, não chatearam ninguém, não passaram dinheiro por baixo da mesa, nem bancaram o "caitetu" (gíria com que se designam os que "trabalham" suas músicas) e a "Marcha do Conselho", gravada muito bem por Roberto Paiva, figura destacadamente nas listas dos grandes sucessos carnavalescos. Um último exemplo: Milton de Oliveira, tradicional parceiro de Haroldo Lôbo, que é quem força a execução das composições da dupla nos prefixos guanabarinos, não teve êxito em sua missão, pois, apesar do seu trabalho quotidiano, sòmente a "Marcha do pescador" vem apontando como êxito.

Assim, pelo que expomos, verificamos que o negócio das músicas carnavalescas não é como querem Ari Barroso e outros elementos. O "x" do problema está em fazer melodias interessantes, que abordem assuntos pitorescos, bem ao sabor dos que caem na folia.

Façam, isso, seguindo o magnífico exemplo de Paquito, Romeu Gentil, Peterpan e outros e, dêsse modo, deixarão de bater na mesma tecla...

MILTON SALLES

NOSSA CAPA:

Antes de mais nada uma explicação para o público leitor: as capas de "A CENA" são impressas duas de cada vez, e na colocação das manchetes houve um equivoco lomentável de sorte que na semana passada saiu a capa que pertencia a êste número, e a do número anterior sai hoje. No número passado figurou na capa Tab Hunter, o "brotinho" de Hollywood, sôbre o qual apresentamos uma interessante reportagem na dupla central, acompanhado de Linda Darnell. Na capa de hoje apresentamos Carlos Galhardo o notável cantor da Nacional, sôbre sua volta de Portugal realizamos destacada reportagem no número anterior. As nossas desculpas na certeza de que tal fato não mais se repetirá. (Foto Ávila).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor: Gratuliano Brito — Assistente: Renato de Alencar
Publicidade: Severino Lopes Guimarães
Endereço: Rua Visconde de Maranguape. 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Redação	22-4447
Publicidade	22-9570
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGENCIA ZAMBARDINO Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números).	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00



Eis aqui a nova dupla amorosa do nosso cinema: Dick Farney e Fada Santoro

DICK FARNEY e FADA SANTORO

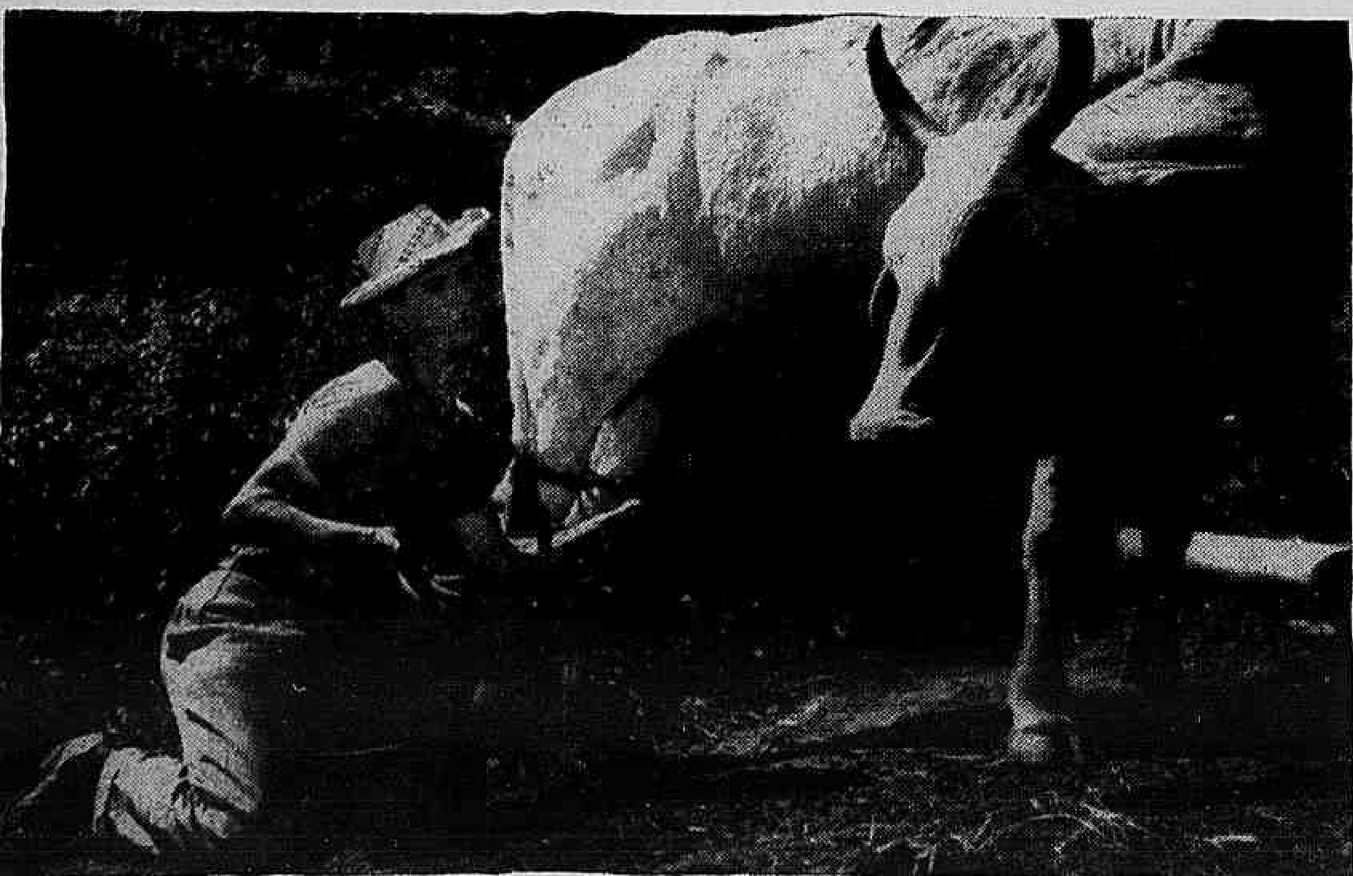
A NOVA DUPLA DO CINEMA NACIONAL numa COMÉDIA ROMÂNTICA

Reportagem de PAULO BRANDÃO

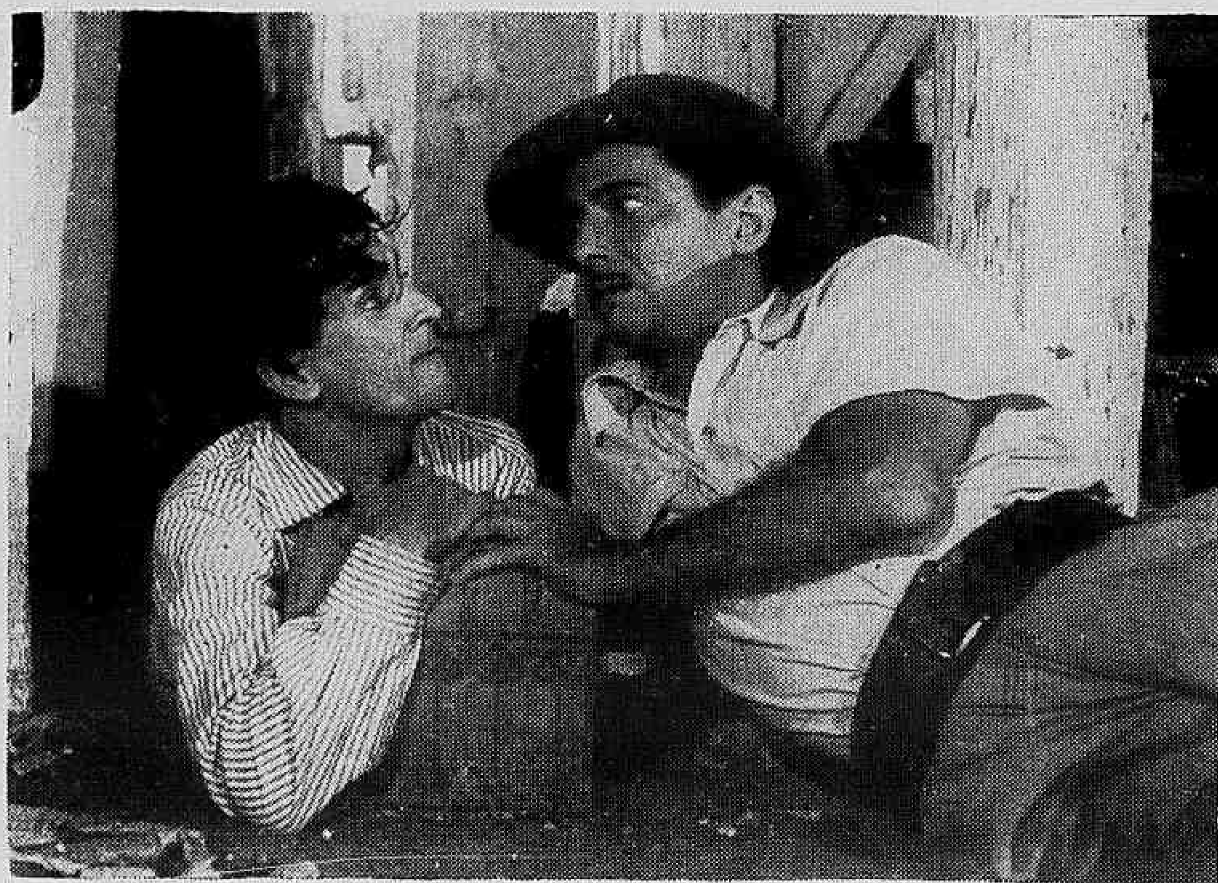
A Cinelândia Filmes é uma produtora que, silenciosamente, mas com segurança dos bons lançamentos, vem produzindo suas películas, geralmente revestidas de um caráter eminentemente brasileiro. E assim foram realizados «Fôrça do Amor» e «Tocaia».

A referida produtora terminou agora em co-produção com a Emprêsa Cinematográfica Atlântida, mais um filme, a que deu o título de «Perdidos de Amor».

«Perdidos de Amor» é uma comédia romântica, tendo a frente do «cast» o consagrado pianista e cantor, Dick Farney, que há algum tempo trabalhou ao



Em «Três Vagabundos» Grande Otelo tirava leite de boi. Aqui dá-se o contrário. Spina tenta tirar de uma vaca



Carlos Cotrim está conformado com mais uma apresentação como vilão «do cinema brasileiro»

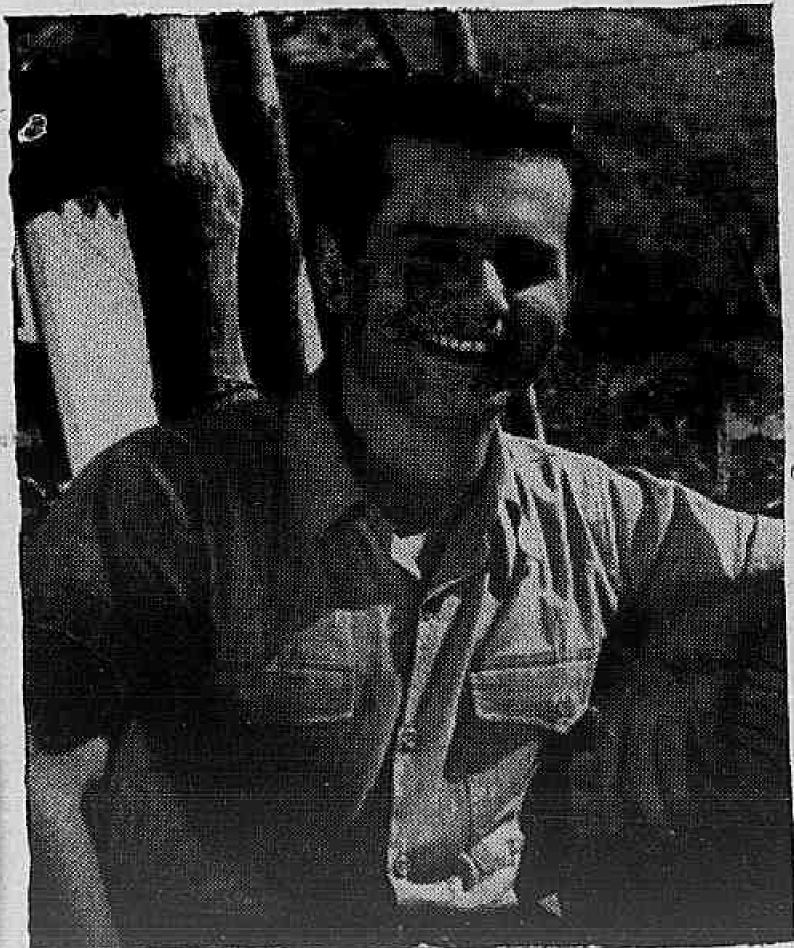


O cômico (Spina), a moça da cidade (Fada), que vive na roça e o rapaz que gosta de Alan Ladd e ouve Bing Crosby (Dick).

lado de Marina Cunha no filme «Somos Dois», do produtor Milton Rodrigues.

Nesta nova oportunidade, o querido artista, já de fama internacional, pois já cantou em Nova York, Buenos Aires e Montevidéu, mostra-se um ator consciente e seguro, interpretando por sua vez, com sua admirável voz, três lindas canções: «Sonhei» (baião toada), «Perdido de Amor», (canção tema do filme) e, finalmente, «Meu Amor Nasceu». Contracenando com Dick Farney, aparece Fada Santoro, a simpática artista do nosso «ecran», que surge com a sua formosura de sempre e maravilhosamente adaptada a êsse estilo de papel.

Fada Santoro, mais uma vez demonstra ser uma personalidade que se desta-

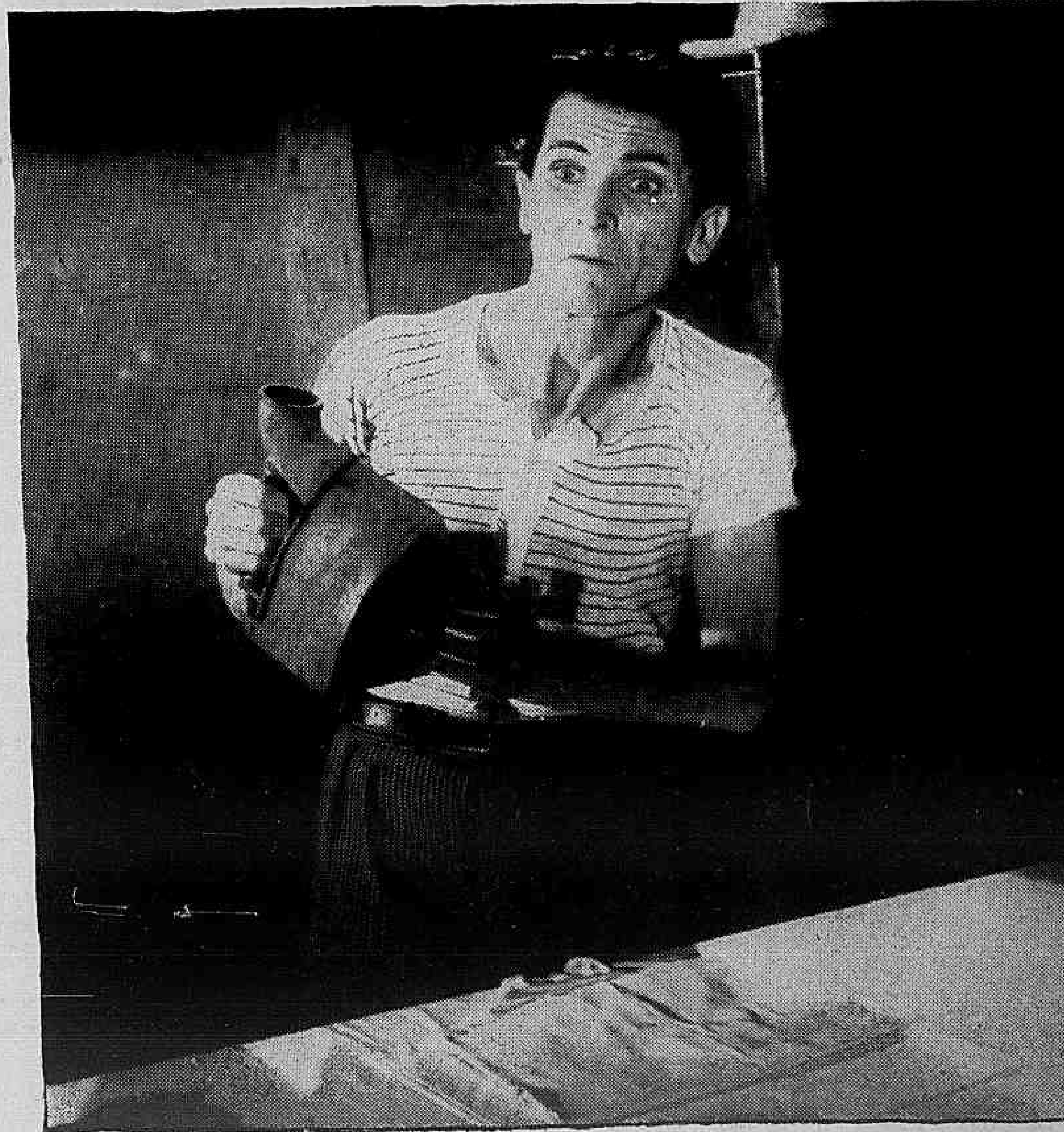


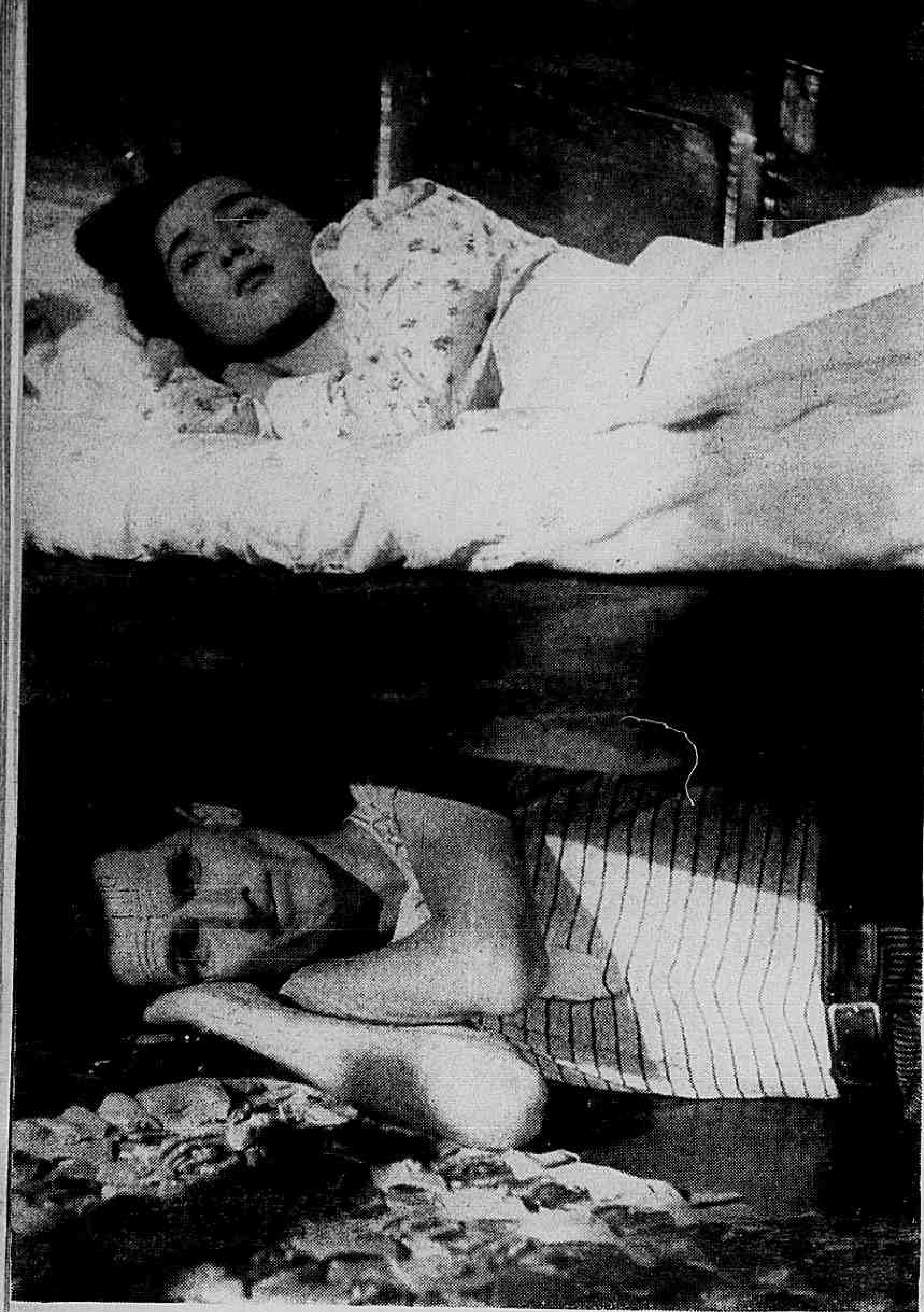
←

Dick Farney num intervalo das filmagens, posa especialmente para a nossa reportagem

→

Spina num desabafo, disse: Quando o Oscarito me ver nesta comédia vai ficar com água na bôca







Terezinha Amayo faz seu debut no cinema brasileiro ao lado do comediante Spina. Gostamos de seu papel em Irene

ca no meio artístico cinematográfico nacional. Mas o filme também apresenta Spina, um cômico de grandes recursos que não é novato no cinema, pois tem aparecido em diversos filmes. Spina é um artista que deve aparecer mais vêzes no cinema, pois é um dos fortes concorrentes de Oscarito, Walter Dávila e Mazzaropi.

Outros personagens são Terezinha Amayo, a jovem artista que surgiu no palco, com grande sucesso ao lado de Dulcina e Odilon em «Irene». Mirian Carmen, uma outra revelação do Teatro de Estudantes do Brasil, representa um dos principais papéis, o de Dona Matilde, imponente e rabugenta (é uma cópia da Luiza Barreto Leite), pois um papel caracteristico ela é a matrona que desejava por todos os meios a felicidade de sua filha.

Finalmente, Carlos Cotrim, aquêle gringo de «Areião» que aos poucos vem se revelando como um dos prováveis ao título de melhor ator do cinema brasileiro. A fim de não perder aquêle sabor da sua interpretação e «Areião», êle novamente, desempenha um papel quase igual, pois faz o vilão o capataz que tudo realiza para que os sonhos de D. Matilde se tornem realidade.

A direção do filme está a cargo de Eurides Ramos, o homem de cinema que só trabalha dentro do estilo «médio» pois a sua maior preocupação é a de fazer filmes que dêem dinheiro na bilheteria, pouco se importando com o crédito do filme na parte de cenaristas, roteristas e outros, enfim esta não é a sua estréia no cinema. A fotografia do filme é de Hélio Barroso Neto, jovem que já nos deu uma boa fotografia em «Caminhos do Sul», com Tônia Carrero e Maria Dela Costa. Produção a cargo de Alípio Ramos, com argumento dos Irmãos Ramos e Tanko. E' de salientar o acôrdo havido entre a Cinelândia Filmes e a Atlântida, no referente a distribuição, êste não resta a menor dúvida é mais um passo para o engrandecimento da indústria cinematográfica brasileira.

Terezinha e Spina numa situação difícil do filme





Jararaca e Ratinho? Não. E' o Spina que deleita-se com a voz de Dick Farney entoando o baião toada «Sonhei»

«NÃO DESONRES TEU SANGUE» (My Son John) — Paramount

Produção dramática de Leo McCarey, interpretada por Helen Hayes, Robert Walker, Van Heflin e Dean Jagger, «Não desonres Teu Sangue» conta-nos a história de três dias fatais na vida de uma família americana.

Pessoas simples, católicas e patriotas, os componentes dessa família são surpreendidos um dia com a revelação de que um dêles, justamente o que era mais querido e respeitado pelos demais, deixou-se dominar por uma ideologia exótica, de todo contrária aos postulados básicos que norteavam os rumos normais da família.

O argumento do filme se desenrola em Washington, com Helen Hayes no papel da genitora; Dean Jagger, o marido; Robert Walker, o filho, e Van Heflin, o agente da F.B.I.

Prognóstico: Filme anticomunista orientado pelo lado menos do anticomunismo em si que da ruptura das tradições familiares e de formação moral e religiosa arraigadas. A veterana e extraordinária Helen Hayes volta ao cinema neste filme que foi estreado nos Estados Unidos muito depois do falecimento de seu principal intérprete, Robert Walker.

«NÓS, AS MULHERES» (Noi Donne) — Prod. Titanus — Itália

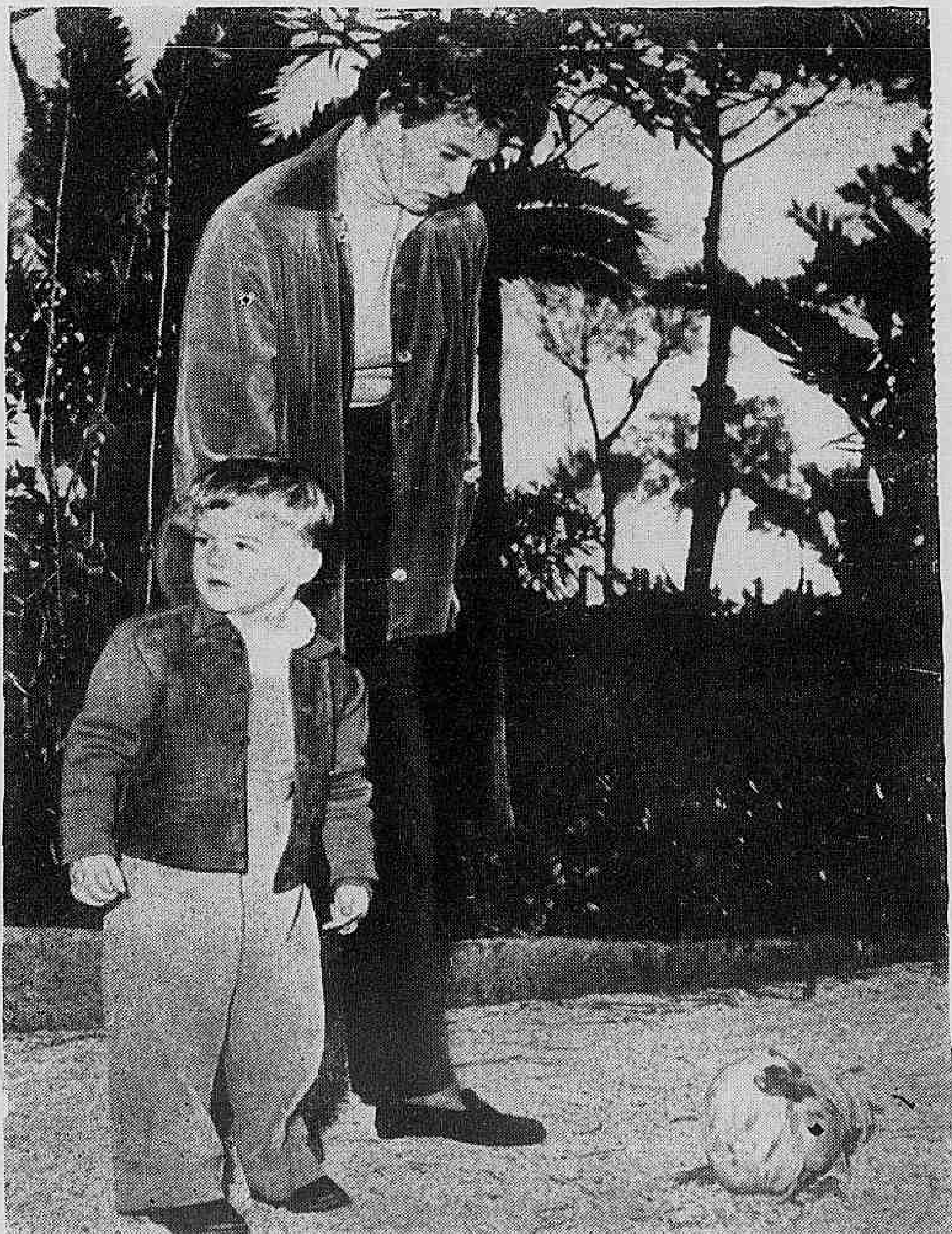
Êste é o filme de quatro grandes atrizes do cinema italiano,



→

Ingrid Bergman vivendo em «Nós, as Mulheres» um episódio de sua própria vida

Estréias no MUNDO do CINEMA



cada uma delas narrando, na primeira pessoa, um episódio real da própria vida, ou um fato inventado, conquanto que parta de sua própria psicologia e de seu comportamento humano. As quatro atrizes são Ingrid Bergman, Anna Magnani, Isa Miranda e Alida Valli. Cada episódio tem um diretor: Roberto Rosselini para a Bergman; Luchino Visconte para a Magnani; Alberto Lattuada para Isa Miranda; e Gianni Franciolini para a Valli. Em síntese, «Nós, as Mulheres» é mais um ato de sinceridade e humildade que suas intérpretes confessam pùblicamente, que outra qualquer coisa. Com essa atitide, as quatro grandes protagonistas ferem de frente o mito que a imaginação popular forja em tôrno de suas pessoas. Cesare Zavattini é o cenarizador e coordenador das confidências que servem de temas para os episódios.

Prognóstico: Êste filme será uma grande novidade em matéria de idéias para cinema. E' também um ato de coragem de suas protagonistas, tôdas elas nomes exponenciais no mundo da cênica cinematográfica.

←

Ingrid Bergman, seu filho Robertinho e a galinha. Os três participam de «Nós, as Mulheres»



Uma transcendental expressão de Ingrid Bergman em «Nós, as Mulheres»

TELAS DA

SONHAREI COM VOCÊ

(I'll See You in My Dreams)

Enveredando pelo gênero do musical-biográfico, essa fórmula bipolar que atrai os amantes de um e outro gênero, o cinema americano tem-nos apresentado, de um certo tempo para cá, obras de razoável mérito, tais como «Rapsódia Azul», «Trovador Inolvidável», «Três Palavrinhas», «Meu Coração Canta» e outros. Nesses filmes, ou se focalizam fatos da vida de compositores famosos ou se recompõem para a tela a carreira e os sucessos de cantores também dotados de celebridade.

«Sonharei com Você», embora sem o colorido comum a essas realizações e que valoriza sobremodo os seus pontos de atração, pertence a êsse gênero. E a situá-lo dentro de suas limitações temáticas, não podemos deixar de considerá-lo um filme bom.

Gus Khan, o biografado, foi um compositor de renome que integrou de lirismo o ambiente do «music-hall» americano. Suas composições, vazadas tôdas num estilo emotivo, terno e simples, retratavam bem o espírito do autor, um tímido e um sentimental que procurava desabafar no pentagrama os ressentimentos de suas próprias irrealizações. Mantendo-se nessa intenção de nos mostrar a fisionomia íntima do autor de «It Had to Be You», «Pretty Baby» e «I'll See You in My Dreams», Michael Curtiz oferece um trabalho antes de tudo sincero, sem deixar-se dominar pela magia do «musical» nem se restringir ao lado puramente «biográfico». Com mão de mestre, êle elabora uma junção inteligente dêsses dois elementos, sem que incida na hipertrofia de um sôbre o outro.

Na parte interpretativa, Danny Thomas compõe com discrição a pessoa de Gus Khan, enquanto Doris Day encarna a espôsa de seus sonhos. Se Miss Day representa, no setor da música popular americana, um valor novo e de reais possibilidades, o mesmo não podemos dizer de suas qualidades de intérprete dramática. Mesmo assim, não achamos que ela vai mal em «Sonharei com Você», se bem que alguns «tiques» de comportamento infantil bem que poderiam ser abolidos pela apreciada cantora «doublé» de atriz.

Em suma, «Sonharei com Você» é filme de boa aceitação que não desmerece de nenhum modo a assinatura de Michael Curtiz que lá está.

LIVIO DANTAS



Doris Day e Danny Thomas em «Sonharei com Você»



PAIXÃO DOMINADORA

(Obsessed)

De todos os filmes que constituíram êsse autêntico festival do cinema inglês a que tivemos o prazer de assistir últimamente, nos cinemas Palácio e Vitória, — começando com tanto vigor temático com «Nunca Te Amei» e «Um Caso de Honra», agigantando-se com «Oliver Twist» e atingindo um «momento» da sétima arte com «Mulher Falada», «As Oito Vítimas» e «O Mistério da Tôrre» — «Paixão Dominadora» é com certeza a nota dissonante. Dissonante porque a peça teatral «The Late Black», de William Dinner e William Morum não dispõe do mínimo necessário para suster-se fora de um palco. E de um drama qualquer que se leve para a tela, é exigido pelo menos que seja um drama, o que infelizmente «Paixão Dominadora» não é. Nem uma comédia. Nem um policial, se quisermos considerar êste último um gênero à parte orientados por cânones especiais. Nem mesmo uma bizarra combinação de drama, comédia e policial onde aparece o dedo onipresente da Scotland Yard.



David Farrar e Geraldine Fitzgerald em «Paixão Dominadora»

O filme aborda, numa cenarização rotineira de Georges Provis, o assassínio da Sra. Edwina Black, ocorrido em condições misteriosas para o diretor Maurice Elvey suficientemente fáceis de serem deslindadas para o Inspetor Roland Culver e mais que evidentes para o menos avisado espectador. Todo o trabalho de direção de Maurice Elvey consiste em levar a trama, de ponta a ponta, com os dois personagens principais, o viúvo e a dama de companhia que se amavam, a se suspeitarem mùtuamente do crime. Para não permanecer o tempo todo nessa tensão até certo ponto inconseqüente, não faltam acentos cômicos, como por exemplo o juramento de Gregory sôbre uma bíblia que não era mais que um dicionário e outras passagens que fizeram talvez da história uma comédia fina no palco, mas um drama muito medíocre no cinema. Para espanto de todos, o Inspetor da Scotland Yard sabe sem dificuldade onde está o inseticida: na estufa do jardim. Conhece com desusada intuição a razão do livrinho de viagem a Veneza, para onde tencionavam ir os amantes, e descobre, quando não sabemos por que, a caixa de prata que continha arsênico, no côche. E assim o policial cômico-dramático se arrasta até o final, quando se elucida que Ellen, a governanta, foi quem perpetrou o crime e... nessas condições, Gregory e Elizabeth podem casar-se e passar a lua-de-mel em Veneza.

Como vemos, o filme é quase estúpido, levando-se em conta a finura e maleabilidade do espírito inglês. David Farrar e Geraldine Fitzgerald fazem o que podem para não soçobrar, experimentados que são nessa ingrata tarefa de dar uma certa fôrça interpretativa a argumentos paupérrimos.

Evidentemente, essa não é a chave de ouro do festival do cinema britânico que, sem se querer, foi levado a efeito entre nós. Vamos esperar por «Sequestro»...

LIVIO DANTAS

CIDADE

ALBERTO DINES

ÚLTIMAS PALAVRAS:

A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE

DEATH OF SALTSMAN

«As vêzes o sofrimento de um pequeno é maior do que um grande» (do texto).

E a obra de Arthur Miller é o drama dos frustrados, dos pequenos, é a tragédia da pequeno-burguesia, da mediocridade. E' o retrato desta mediocridade na grandiosa luta para dela se libertar. E' a triste constatação da imutabilidade das coisas pequenas, das coisas que nada valem.

«A Morte do Caixeiro» é a autêntica tragédia moderna. Não é o Destino, fator divino e extra-vontade humana, que joga com os indivíduos mas é a Sociedade que jogou Willy Loman à condição vazia, ôca, instável não só de caixeiro mas de derrotado.

E é por captar de maneira magistral a injustiça de nossa humanidade e de seu regime — a Sociedade, e é por retratar magistralmente o brilho externo e ôco de nossas vidas, e é por jogar violentamente em nossa cara que esta nossa vida está errada, e é por berrar em nossos ouvidos que todos nós somos caixeiros-viajantes, e é por tudo isto que o filme (e antes de tudo a obra original), arrasa qualquer platéia e a põe chorando como a que vimos.

O filme machuca porque nos chicoteia com a verdade de que não adianta ser um homem brilhante, elegante, bonachão, alegre, rodeado de amizades e prestígio, não adianta ter uma vida falsamente calma e confortável (a casa, o automóvel, a amante), não adianta têrmos o sapato engraxado... Tudo isto é falso, logo fenece. Por isto o «tudo» que Willy Loman conseguiu construir em sua trágica-e-alegre existência, no fim, não é **nada**, dezaparece, como fenece o brilho dos sapatos (basta pisá-los).

E é por isso que as platéias choram, e choram copiosamente. E' porque, se vêem pintadas na tela e vêem o vazio de suas existências e o **nada** que o futuro lhes reserva.

Arthur Miller conseguiu o ideal: através da dureza, através do chicote da verdade, sacudiu os milhares de caixeiros-viajantes que o assistiram, de sua letargia, de sua pequenez, de sua inexistência. Por alguns minutos, milhares de sêres humanos, milhares de caixeiros-viajantes, perceberam que aquêle berro vinha com um bafejo grandioso que nunca, nunca tinham experimentado. Na mente de alguns, nos corações de outros a obra ficou. Muitos filhos, muitos pais voltaram para as suas casas, depois de visto o filme olhando diferentemente para as suas vidas, resolvendo diferentemente os seus pequenos dramas cotidianos, a tragédia de suas vidas.

A obra cinematográfica é um outro capítulo para se estender quilomètricamente. Em primeiro lugar, há que analisar a persistência de todo estilo e de tôda estrutura da peça de Arthur Miller. Teatralmente considerada expressionista e muito «cinematográfica» a peça encontrou no cinema uma tradução ideal. No lugar de um pretensioso «cinema» e de um requintado e igual expressionismo, o cenarista Stanley Roberts e o diretor Lazlo Benedek traduziram todos os efeitos cinematográficos da peça (flash-backs) em recursos e soluções simples e discretas. Uma mera mudança na iluminação, numa cena que continua como se nada tivesse havido, basta para sugerir o «flash-back». As vêzes, nem isto; num mesmo decor Benedek situa os dois planos do Tempo e basta um simples movimento de câmera para passar de um para o outro. Esta delicadeza no manuseio com o Tempo evita que o espectador se precavenha emocionalmente contra o exagerado manejo mecânico com êle — o «flash-back» — e faz com que não se quebrem os crescendos dramáticos com a passagem do tempo. O desenho anterior de cada «take», provoca certa frieza virtuosa na enquadração mas por outro lado enriquece-a com funcionalidade. A marcação dos personagens em relação à câmara obedece à técnica de Miller de diversos planos dentro de cada «take» numa visível influência teatral, mas que não deixa de valorizar a obra, pondo-a regorgitante, com ação interna e evitando que a montagem desse um falso ritmo externo.

Em suma, Miller encontrou em Roberts e Benedek adaptadores à altura, que souberam aproveitar os valores da peça e amaciar os seus efeitos e defeitos formais.

E mesmo no desempenho espetacular de Frederic March, Mildred Dunnock (que figura, que ar «sêco» e gasto deu ela a simbólica mulher do caixeiro-viajante!), Kevin Mc Carthy e Cameron Mitchell, Benedek merece muito dos elogios. Se não fôsse sua mão segura o filme «estouraria» de grandiosas interpretações.»



Frederic March em «A Morte do Caixeiro Viajante»

Excelente música de Alex North (o mesmo compositor de «Streetcar») muito funcional psicològicamente.

Enfim, «A Morte» é a maior Tragédia Moderna já vista até hoje, com exceção das que vemos todo e todos os dias sambando alegres à nossa volta.







Oscarito metido numa complicação com Lewgoy na presença de Cuquita Carballo, no filme «Carnaval Atlântida»

NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS DO CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

ALUGUEL? — A notícia que pôs em reboliço o cenário cinematográfico nacional foi a divulgada pelo vespertino «Ultima Hora», em autêntico furo: a Vera Cruz assinara um contrato com o produtor Stillman, pelo qual far-se-iam nos estúdios de Zampari nove filmes coloridos em cinco anos. Pelo noticiado parece que o negócio é um mero aluguel dos estúdios da Vera Cruz e das facilidades oferecidas aos filmes brasileiros a um produtor norte-americano, pois o contrato estipula que a história será escrita por americanos, cenarizada por americanos, dirigida por americanos, interpretada por americanos (Glenn Ford). Dar-se-á sòmente uma «casquinha» aos vera-cruzenses na pessoa de Adolfo Celli como produtor-associado, pro-forma, e à atriz Tônia Carrero para fazer o papel feminino. Os jornais já noticiaram fartamente sôbre o assunto. Mas nós indagamos: será que é motivo de alegria ou tristeza?!...

★

VISITA E NOVIDADES — Por alguns dias estêve entre nós, de volta do Recife, o jovem cineasta Jurandir Noronha, auxiliar de Cavalcânti, que nos contou boas notícias do Mestre. As filmagens caminham normalmente, apesar de terem sido paralisadas por algum tempo por falta de filme virgem. Soubemos também que Cavalcânti aproveitou em sua equipe diversos jovens do cine-clube local. Um exemplo que precisa ser berrado, gritado nos ouvidos de todos os realizadores e produtores nacionais!

★

ELEIÇÕES QUE SE ARMAM — Começa a se movimentar a crítica cinematográfica carioca com as próximas eleições a 4 de fevereiro para a nova diretoria da ABCC que agora é presidida por Joaquim Menezes. Veremos se agora se consegue uma chapa que permita reunir a dispersada crítica carioca. Fala-se insistentemente numa, encabeçada por Edmundo Lys e Paulo Wanderley que, parece, satisfará tôda e qualquer exigência.

★

ADEUS!!! — Partiu no princípio desta semana para São Paulo, o nosso colega Alberto Dines. O «brôto» da crítica carioca que em poucos meses de exercício conseguiu afirmar-se graças à justeza de suas análises e o humanismo de suas críticas corta agora, aqui, sua carreira ascendente como crítico e cineasta. Esperamos que em São Paulo êle ràpidamente se encaixe na ótima posição que apesar de jovem êle sem dúvida alguma merece. Sucesso, é o que desejamos. «Telas da Cidade» passará a ser redigida por outro valor novo, Lívio Dantas, cujas apreciações os nossos leitores vão apreciar bastante. Aliás, neste número êle já criticou dois filmes que estrearam em nossas telas.



Bill Farr faz a sua estréia no cinema cantando alguns números musicais na produção carnavalesca da Atlântida

ATRÁS DAS CAMERAS

Por MR. TAKE

Alex Viany e Paulo Wanderley pretendem fundar uma Companhia Cinematográfica, nos moldes da Multifilmes de São Paulo. Parabéns e que a idéia não fracasse, são os nossos mais sinceros votos.

★

Alberto Cavalcânti, o premiado com o «Oscar» da CENA MUDA, como o melhor Diretor Brasileiro de 1952, avisou-nos que o seu próximo filme — «Canto do Mar» — está quase terminado.

★

Estêve em visita à nossa redação o dinâmico jovem paulista Trigueirinho Neto, diretor do Centro de Estudos Cinematográficos de S. Paulo.

★

José Lewgoy vai sair fantasiado no Carnaval com um modêlo exclusivo e excêntrico bordado e desenhado por Jacques Fath.

★

O poeta Ironides Rodrigues enviou para Jean Cocteau a sua peça teatral intitulada «Agonia do Sol». Será que teremos a versão cinematográfica feita na França?

★

Teremos, a 4 de fevereiro próximo, as eleições da A.B.C.C. Até agora já existem três candidatos mas acontece que, no beco do Inferno, fala-se muito numa quarta fôrça. Quem será?...



Lewgoy, Eliana e Renato Restier, um trio de «Carnaval Atlântida», a mais cara produção foliona da Atlântida

GLENN FORD NO CINEMA NACIONAL

Conforme foi amplamente divulgado pelos jornais, a notícia de que três milhões de cruzeiros seriam entregues de mão beijada ao galã norte-americano Glenn Ford (O Gildo), deixou-nos mais ou menos tontos, pois pensamos que isto virá, sem dúvida, criar mais um problema dentro do cinema brasileiro. Os nossos atores ainda são mal pagos, daí a animosidade da questão. Acreditamos que o nosso Govêrno, a esta altura, já deva estar em sinal de alerta com esta manobra. Se os americanos pretendem, de uma forma mais cômoda e fácil, retirarem do nosso país o fundo monetário em cruzeiros, que o façam como fizeram na Itália (caso «Quo Vadis»), que venham para o Brasil com equipes completas para realizarem bons filmes com as nossas paisagens ou então que construam mais casas de espetáculos.

Em sua maioria os escritores, fôssem seus talentos dedicados à tela, palco, revistas ou casas editôras, eram antigamente conhecidos por sua reticência, sua incapacidade para exprossar-se e possuidores de enorme variedade de inibições.

Em Hollywood, pelo menos, essa espécie de escritor acha-se quase extinta.

O novo tipo de escritor sofreu uma metamorfose completa. Aquêles modos calmos e tímidos sua extrema incapacidade de dizer o que pensava, sem u'a máquina de escrever, constituem hoje uma relíquia do passado.

Hoje em dia êle grita mais alto que um diretor assistente, o que ocorre freqüentemente. Manda às favas qualquer rainha de «glamour» por qualquer mostra de gênio por parte desta, escolhendo as mais ressonantes palavras do seu grosso dicionário de xingamentos.

Sua aparente frustração de antanho não passa hoje de uma recordação, hoje quando todos os dias um escritor é elevado à categoria de diretor. Ora, na qualidade de diretor, o escritor tinha forçosamente que tornar-se audível, claro, e, às vêzes, arrogante até.

Havia um motivo para a frustração do escritor. Entre os resultados datilografados de seu sangue, suor e aspirina e a glorificação de suas palavras na tela, havia três pessoas que podiam exercer — e exerciam — sua autorizada prerrogativa de mudar, alterar e eliminar trechos de sua imortal prosa.

Primeiro, havia o produtor; segundo, o diretor, e terceiro, o artista.

Tornando-se diretor, o escritor viu duas dessas causas primárias da doença principal que acomete a ingrata profissão do «schipt writer» — comumente conhecida pelo nome de «úlceras» — automàticamente eliminadas.

Na qualidade de diretor, êle podia alterar e eliminar, mas as palavras substituídas continuavam sendo de sua criação. O ator ou atriz podia fazer sugestões, mas a decisão final [illegible] ao diretor.

Quando um ator, falando do personagem que êle está vivendo, diz: «Tenho certeza de que êle não faria isso», o escritor-diretor, que criou o personagem, podia se sentir muito à vontade para retrucar-lhe: «Bem, talvez não, mas tenho plena certeza de que você fará».

A lista de escritores que se tornam diretores cresce dia a dia em Hollywood e muitos dêles têm obtido tremendo sucesso em sua nova vocação.

Richard Brooks, antigo jornalista de Philadelphia, Baltimore e Nova York, que escreveu seu primeiro romance, «The Brick Foxhole» enquanto servia no Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos, terminou recentemente seus trabalhos diretoriais em «Battle Circus», da M-G-M, película estrelada por Humphrey Bogart, June Allyson e Keenan Wynn. Escreveu, também, o argumento dessa história, que gira em tôrno de unidades do Hospital Cirurgico Móvel do Exército, na Coréia.

Norman Panama e Melvin Frank, que começaram a trabalhar de parceria como escritores, avançaram mais um passo em sua carreira, juntando o título de «produtores» aos seus créditos de escritores e diretores. Completaram recentemente, para a M-G-M, «Seu Nome e sua Honra», dramática narrativa sôbre o Coronel Paul Tibbets, o primeiro homem a jogar uma bomba atômica de seu avião (sôbre Hiroshima). Escreveram o argumento, produziram e dirigiram a aludida película, tendo por intérpretes centrais Robert Taylor e Eleanor Parker. Por causa dêste filme, Miss Parker assinou longo contrato com a Marca do Leão.

Sidney Sheldon, autor de «The Bachelor and the Bobbysoxers», dirigiu para a M-G-M, não faz muito, «Dream Wife», uma produção de Dore Schary, segundo um argumento escrito por Sheldon e Herbert Baker, estreado por Gary Grant, Deborah Kerr, Walter Pidgeon e Betta St. John.

Joseph L. Mankiewicz, outro antigo escritor, acha-se prêso à M-G-M por um contrato triplice: como escritor, produtor e diretor. Terminou, recentemente, «Júlio César», com os artistas Marlon Brando, James Mason, John Gielgud, Louis Galhern, Edmond O'Brien, Greer Garson e Deborah Kerr. Uma produção de John Houseman.

Robert Pirosh, autor de muitos originais para a tela, inclusive do fabuloso «O Preço da Glória», está sendo muito feliz no empreendimento de combinar a escrita com a direção. Seus mais recentes «créditos duplos» deram-se em «Todos São Valentes» e «A Indiscreta».

Norman Foster, que, não faz muito, dirigiu a produção M-G-M em



Robert Pirosh, autor-diretor posa ao lado de Van Johnson, no «set» de «A Indiscreta», da M.G.M. Van e Pirosh, aliás, trabalham juntos, também, em «O Preço da Glória» e «Todos são Valentos»

ESCRITORES QUE SE TORNAM DIRETORES

Clay Elwood



Melvin Frank (esquerda) e Norma Panama em alegre palestra com Eleanor Parker, estrêla de «Seu nome e sua honra»

Tecnicolor «México de Meus Amôres», no próprio México, com Pier Angeli, Ricardo Montalban, Vittorio Gassman e Cyd Charisse à frente do elenco, começou sua carreira como ator, mas desistiu de representar e abraçou u'a máquina de escrever, resolvendo mais tarde fazer-se diretor daquilo que escrevia.

Delmer Davis, escritor que obtem sucesso em qualquer campo, dirigiu Clark Gable e Gene Tierney em «Nunca me Deixes Ir», isto há pouco tempo, na Inglaterra. John Huston, cujo «Aventura na África» deu a Humphrey Bogart um «Oscar» ano passado, acha-se em vias de lançar em produção um novo filme com o mesmo astro.

Gottfried Reinhardt, escritor de argumentos para a tela durante muitos anos, acaba de concluir sua direção em uma das seqüências de «A História de Três Amôres», uma trilogia em Tecnicolor da M-G-M.

A relação de escritores transformados em diretores é bastante longa, incluindo nomes como Tay Garnett, Norman Krasns, Andrew Stone, James Edward Grant, Edwart Ludwig, Alan LeMay, Gerald Mayer, Russel Rouse, George Seaton, Maxwell Shane, Gregg Tallas, Preston Sturges, George Waggner, Charles Marquis Warren, Crane Wilbur, etc. etc.

Os cenaristas não só invadiram o campo da direção em massa, como também assumiram postos executivos em muitos estúdios. Três antigos escritores são hoje vice-presidentes encarregados da produção em três importantes organizações cinematográficas de Hollywood: Dore Schary, da M-G-M, Don Hartman, da Paramount e Darryl Zanuck, da 20th Century Fox.



CINE-ROMANCE

PRATA MALDITA

(SILVER CITY)

PERSONAGENS :

Candace Surrency	Yvonne De Carlo
Larkin Moffatt	Edmond O'Brien
Charlie Storrs	Richard Arlen
R. B. Jarboe	Barry Fitzgerald
Dutch	Edgar Buchanan
Josephine	Laura Elliot
Taff	Michael Moore
Arnie	John Dierkes
Fuller	Howard Negley



Argumento de Frank Gruber. Baseada numa história de Luke Short

FILME DA PARAMOUNT

Necessitando de dinheiro para casar-se com a mulher a quem ama, o engenheiro de minas, Larkin Moffatt facilita o roubo de importantes documentos da companhia onde trabalha. Mas, quando os assaltantes arrombam o cofre, êle arrepende-se do que fêz, e sai em perseguição aos larápios.

Após uma encarniçada luta, consegue apoderar-se do dinheiro, mas agora não quer mais regressar, pois não pode encarar seu amigo e companheiro Charlie Sterrs.

Passam-se três anos, nos quais Moffatt leva uma existência irregular, trabalhando em campos de madeira e em minas. Finalmente, êle se instala em Silver City, onde trava conhecimento com Candace Surrency e seu pai, que trabalha na mina de Big Jay. Dutch tem um prazo de doze dias para encontrar prata nessa mina, pois segundo o negócio que fizera, teria de, neste prazo, devolver a mina ao seu dono, R. B. Jarbor. Êste é um velho avarento, dono de duas minas e do único moinho do lugar.

Moffatt aconselha a Dutch a trabalhar mais algumas horas por dia, podendo, desta maneira, desenterrar maior quantidade de prata e colocá-la num terreno adjacente à mina Big Jay até que expire o prazo de arrendamento. Tanto Dutch como Candace querem Moffatt para sócio, uma vez que a má saúde de Dutch não o permite trabalhar demais, porém Mottaff recusa.

A notícia de que Dutch enriqueceu, corre imediatamente pela cidade. E o que acontece é que Taff, um bandoleiro que trabalha para Jarboe paga ao mineiro Arnie para provocar uma briga com Fuller, capataz de Dutch, e quebra-lhe várias costelas, deixando-o portanto, inerme. Moffatt vem a saber que Charlie Storrs chegou a Silver City e vem inspecionar a mina de Big Jay, que a «Corona Mining Company» talvez adquirisse.

Mas a maior surprêsa de Moffatt é descobrir que Storrs vem acompanhado de sua espôsa — que é nada menos do que Josephine, antiga pequena de Moffatt. Sabendo que seu amigo Storrs iria delatá-lo, Moffatt retira-se da cidade, mas Candace que o ama, segue-o, persuadindo-o a voltar e enfrentar os obstáculos; ela sugere-lhe também aceitar o cargo de capataz na mina de Big Jay.

Apesar de Storrs ter realmente delatado Moffatt, êste resolve enfrentar as conseqüências e procurar engodar Jarboe e tirar a máxima prata possível nos dias que ainda restam. Êle tem uma desinteligência com Taff que, de acôrdo com as ordens de Jarboe, procura dificultar o serviço dos trabalhadores, embriagando-os e ainda fazendo explodir um túnel e o recipiente no qual o minério é transportado para o terreno ao lado.

Entrementes, deu-se o encontro entre Moffatt e o casal Storrs; e Moffatt percebe imediatamente que Josephine ainda está muito interessada por êle e gostaria de recuperar o seu amor. Desta vez, porém, os papéis fôram invertidos: Moffatt não sente mais nada por Josephine, pois o seu coração agora pertence a Candace. Jarboe planeja com Taff a eliminação de Moffatt e contratam Arnie para fazer o serviço. O plano é jogar a culpa sôbre Storrs, uma vez que como todo mundo sabe, a espôsa dêste está sendo muito vista com Moffatt.

Mas o que acontece é totalmente opôsto ao que esperavam; numa discussão que surge, Taff mata Jarboe, seu próprio chefe, e foge com Arnie, que errou a pontaria contra Moffatt. São perseguidos por êste e após um tiroteio, morrem sob as balas de Moffatt.

Para surprêsa dêste último, Storrs surge em seu encalço, e perde a vida num acidente. E Moffatt volta para Candace...

CINE MUNDIAL

Estados Unidos

Evidentemente Gina Lollobrigida é o nome da moda, no momento. O noticiário internacional insiste em afirmar que a estrêla italiana será a companheira de Humphrey Bogart em «Beat the Devil» e, logo em seguida, de Errol Flynn em «Guilherme Tell».

★

Carlos Thompson, o ator argentino com quem Maria Félix não quis casar, está noivo de Ivonne de Carlo. Murmura-se que os dois já se casaram secretamente em Las Vegas.

★

Ana Maria Alberghetti será a intérprete principal de «Summer Song», um filme onde entram bailados, muita música e um sério romance de amor.

★

Em recente estatistica realizada nos Estados Unidos, constata-se que o número de cinemas no mundo inteiro é o seguinte: Europa, com 53.659; Estados Unidos, com 19.797; América do Sul, com 11.316; Extremo Oriente, com 7.369; Africa, com 1.301 e, finalmente, o Oriente Médio, com 349 casas de exibição.

★

O filme «Elephant Walk» será realizado com Vivien Leigh, como queria o produtor Irving Ascher, mas sem Laurence Olivier, como estava também nas cogitações daquele cineasta. Para substituir Sir Laurence Olivier foi convidado o ator Dana Andrews.

★

Já começou a filmagem de «Here Como the Girls», um musicolorido da Paramount, com Bob Hope, Arlene Dahl, Tony Martin e Rosemary Clooney. Aparecerá também no filme a mundialmente conhecida bailarina flamenga, Inesita.

★

Itália

Na Sicília foram concluídas as filmagens de «A Lôba», que Alberto Lattuada dirigiu. Kerima, a atriz algeriana que Carol Reed lançou em «O Pária das Ilhas», é a principal figura da película.





Melinda Markey, garôta de 18 anos, filha da atriz Joan Bennet e do escritor-produtor Gene Markey, fêz a sua estréia no cinema no filme da Fox: «Nearer My God to Thee». A talentosa estreante faz o papel de uma jovem colegial que tem um caso de amor com Robert Wagner na história do desastre marítimo do «Titanic»



Jane Russel vestida como um rapaz no seu papel de «Bele Star», em «Bela e Bandida» em trucolor, é admirada por Forrest Tucker, Andy Devine e George Brent



Forrest Tucker ensina Jane Russel a atirar em «Bela e Bandida», da R.K.O.



CINE-ROMANCE

O GÊNIO da LÂMPADA

(ALADDIN AND HIS LAMP)

O ELENCO DO FILME:

Princesa Jasmine	**Patricia Medina**
Aladim	**John Sands**
Mirza	**Richard Erdman**
Bokra	**John Dehner**
Kafan	**Billy House**
Hassan	**Hed Young**
Flor da Paixão	**Noreen Nash**
Capitão da Guarda	**Rick Vallin**
O Gênio	**Charles Horvath**
A dançarina escrava	**Sujata**
A dama de companhia	**Arabella**

★

Uma produção de Walter Wanger para a Monogram. — Direção de Lew Landers — Cor pela Cinecolor — Modelos desenhados por Yvonne Wood — Música de Marlin Skiles — Dir. de arte de David Milton.

... Era uma vez.

Como nos contos de fada e nas histórias maravilhosas do Oriente, devemos começar assim a contar os extraordinários acontecimentos que tiveram lugar há muitos anos passados. Mas, na verdade, era uma vez... um jovem e audacioso «ladrão» (naquele tempo e naquele lugar ser ladrão era uma profissão como outra qualquer). Êsse larápio, de rara beleza e inteligência invulgar, chamava-se Aladim.

Aladim, cuja alma de aventureiro debruçava-se através de olhos de esteta, resolveu penetrar no palácio do Califa de Bagdá de modo a dar uma festa ao seu espirito na contemplação da mais linda de tôdas as criaturas, ou seja, da





encantadora Princesa Jasmine. E se bem pensou melhor o fêz, não obstante os conselhos em contrário de seus bons companheiros Mirza e Hassan, vagabundos do mercado da cidade.

Naturalmente, era difícil o ingresso naquele recinto onde o requintado luxo oriental reunia verdadeiras fortunas em objetos de fino lavor. Era difícil, mas não impossível. E muito menos para Aladim que enfrentando todos os perigos acabou por chegar até onde se encontrava a princesa de seus sonhos. Foi como se tivesse olhado para o sol, tal o deslumbramento que lhe causou a beleza de Jasmine. E se seus olhos se deslumbraram, cativo, ficou logo seu pobre coração.

A bela, a doce, a meiga Jasmine, porém, assustada com tão pouco oportuna aparição e sem saber mesmo o que fazia, pois se irritara com a audácia do jovem, reconhecia tambem que havia alguma coisa, mais forte do que ela, que a atraía na figura daquele aventureiro, gritou pela guarda, que veio logo com seus espadagões tilintando nas ilhargas. Era tempo, o já apaixonado jovem pôs-se em fuga. A perseguição era feroz, mas Aladim é salvo, finalmente, por um estranho mágico. O nigromante, versado em tôdas as artes de produzir efeitos contrários às leis da natureza, simpatiza com Aladim e acaba por convencêlo a entrar em certa caverna na qual encontrará a «lâmpada mágica».

Sim, senhores, era uma «lâmpada mágica», coisa que jamais se julgou pudesse haver no mundo. Mas ali estava em tôda a sua realidade refletindo no metal recurvo os tons sanguíneos da chama.

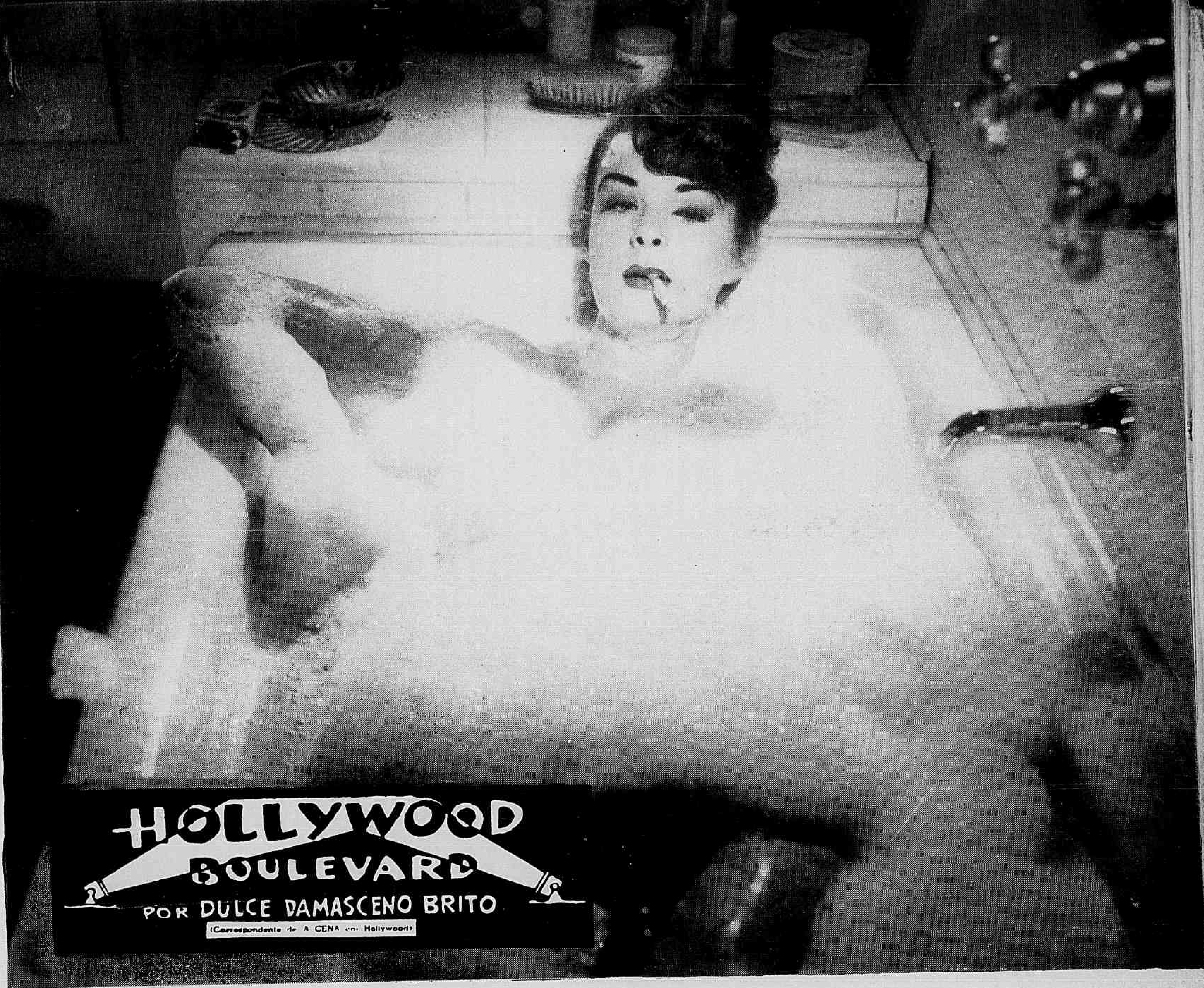
«— Esfregando-a levemente dela aparecerá um gênio para satisfazer-lhe qualquer desejo» — afirmara o mago...

Que tenho eu a perder ? deve ter pensado o jovem cuja audácia fôra estimulada pela paixão que em seu peito crescia avassaladoramente. Aladim quer, pois, un suntuoso palácio e suas alfaias magníficas e tôdas aquelas coisas capazes de lhe permitir igualar-se a fascinante Jasmine de modo a poder pedir-lhe a mão em casamento. Aquela mesma mão desejada pelo Príncipe Bokra, o cruel potentado de Samarkand.

Não obstante a Princesa Jasmine percebe, no turbamento de sua cândida alma de donzela e nas palpitações de seu coração de adolescente, que está irremediàvelmente apaixonada. Não importa a fúria sanguinária do cruel

(Cont. na pág. 34)





Assim como já aconteceu com diversas atrizes, chegou a vez de Jean Peters de tomar o seu banho de espuma em Hollywood. A estrêla dos olhos verdes desempenha um papel de uma mulher baixa no filme de suspense da Fox «Pickup on South Street», contracenando com Richard Widmark, e tenta segurar o cigarro entre os lábios enquanto se banha

O que se diz e o que se ouve na meca do Cinema

Ann Blyth demorou-se a se decidir, mas, afinal, resolveu entregar os pontos **a Cupido. A linda «estrelinha» da Universal, que acaba de assinar contrato com a Metro, anunciou seu noivado com o Dr. James McNulty, irmão do cantor Dennis Day. Apesar de conhecer o simpático médico há três anos, sòmente agora deu-lhe Ann o almejado «sim», que veio deixar desolados tôdos os seus inúmeros admiradores da cidade, inclusive James Fitzmons, o irmão de Maureen O'Hara. Ann conta apenas 24 anos, mas é uma vitoriosa «estrêla» desde 1944.**

★

Enquanto ensaiava um samba com Ricardo Montalban, para o filme «Latin Lovers», Lana Turner escorregou e caiu, o que ocasionou a inflamação dos nervos da sua perna. A «estrêla» acha-se, pois, guardando leito já há uma semana, esperando o seu médico que ela possa voltar à filmagem dentro de mais alguns dias.

★

Arlene Dahl estava tentando convencer a Paramount a comprar para ela a história «Duas Vidas» (filmada em 1939 com Charles Boyer e Irene Dunne), a qual a linda ruiva pretendia fazer uma nova versão com Fernando Lamas, seu novo amor da vida real. Mas como a RKO não cedeu o referido «script», a Paramount resolveu reunir o casal Arlene-Fernando em outro filme: «Sangaree», o qual conta também com Patricia Medina no elenco.

★

Anne Baxter e John Hodiak anunciaram que estão tratando de um divórcio amigável, devido a complicacões motivadas pelas respectivas carreiras. Ambos casaram-se há 6 anos, tendo uma filhinha, Katrina, de 18 meses. Anne terminou, recentemente, seu contrato com a Fox, sendo, agora «free-lancer».

★

Filme encrencado é o de Jane Wyman com Ray Milland para a Columbia. A princípio, foi intitulado «Love Song», depois passou a chamar-se «Great While It Lasted», mais tarde tornaram a trocar o nome para «Anyone But You» e, afinal, o título definitivo será «Let's Do It Again»...

★

Doris Day serviu de «stand-in» à sua própria «stand-in» O caso passou-se da seguinte maneira: a **stand-in** da loura **estrêla** estava esperando um bebê e durante o tempo em que ela estève impedida de desempenhar sua profissão, Doris agüentou firme à frente das câmaras, fazendo o trabalho que era destinado à sua «stand-in». Explicado ?

★

A Universal está desenvolvendo a mais fantástica publicidade para Rock Hudson, o jovem e simpático galã que tomou de assalto o coração das garôtas americanas.

★

Lori Nelson — a nova **estrelinha** da Universal recentemente eleita a mais promissora personalidade do ano pelos leitores da revista «Photoplay» — terá o papel de filha de Barbara Stanwick e Richard Carlson em «You Belong to Me».



Ralf Vallone e Lucia Bosé numa cena de amor de «Páscoa de Sangue»



CINE-ROMANCE

PÁSCOA de SANGUE

(NON C'E PACE GLI ULIVI)

PERSONAGENS	INTÉRPRETES
Francesco Dominici	Raf Vallone
Laura	Lucia Bosé
Agostino Bonfiglio	Folco Lulli
Maria Grazia	Maria Grazia Francia
Salvatore	Dante Maggio

Direção de GIUSEPPE DE SANTIS — Apresentação da Art Films

Regressando da guerra, Francesco Dominice, um jovem pastor da Ciociaria, vem a saber que fôra roubado em seu rebanho por Agostinho Bonfiglio. Mas não possui provas do fato. Bonfiglio com sua brutalidade





Folco Luli é o bandido Agostinho Bonfiglio

e seu prestígio de homem violento e sanguinário já se havia assegurado do silêncio das poucas testemunhas que contra êle poderiam depor. Entre estas testemunhas caladas pelo terror encontram-se Laura, uma jovem que fôra namorada de Francesco e com o qual ainda pretende casar-se, por isso êle regressou da guerra. Ela porém, por exclusivo interêsse monetário, havia sido prometida em casamento a um parente de Bonfiglio. A notícia dêsse noivado leva ao jovem Francesco o desespêro por ver-se despojado de seus bens e agora da mulher amada. Diante de tanta vilania Francesco resolve enfrentar a situação, traçando um plano para raver o seu rebanho e fugir com Laura. Êsse propósito será executado durante o almôço comemorativo do noivado, mas alguém descobre e dá o alarme. Bonfiglio não podendo vingar-se em Francesco descarrega sua ira sôbre a irmã dêste, que se chama Maria Grazzia.

Na manhã seguinte Francesco chega prêso e durante o processo Laura, sugestionada pelos seus parentes industriados por Bonfiglio, depõe contra o rapaz que é condenado pela justiça. A vitória de Bonfiglio é completa. Ambicioso, hávido de dinheiro e de uma prepotência quase feroz, êste homem se aproveita dos fatos para monopolizar em aluguel tôdas as pastagens das montanhas, que depois realugará por preços extorsivos,

(Cont. na pág. 34)



Lucia Bosé vive Laura, em «Bodas de Sangue»





Tab Hunter, Donald Gray e Linda Darnell, o trio da «Ilha do Desejo»





Tab Hunter o «br

TAB HUNTER, O BRO

ALTO, LOURO E

O filme «A Ilha do Desejo» estava terminado. Faltava apenas fazer a «preview», segundo o velho costume de Hollywood, a fim de sentir o pulso da platéia. O produtor, David E. Rose, no seu escritório, ficou a pensar: onde iria passar o filme ?

Em Passadena ? Glendale ? Long Beach ? Tôdas estas cidades, à curta distância da cinelândia, são utilizadas pelos estúdios para êsse fim, mas David continuava pensando.

O seu novo trabalho, filmado em Tecnicolor, para a United Artists, oferecia o desempenho de Linda Darnell e de outros artistas, entre os quais estava um novato, Tab Hunter, que estreava num papel de grande importância.
David E. Rose o havia escolhido, entre centenas de candidatos e lhe entregara o papel de um jovem fuzileiro, mesmo que o rapaz nunca tivesse enfrentado uma camera. O produtor havia arriscado, mas era isso exatamente o que êle tinha em mente. Para o papel do jovem, não quisera e não podia usar um nome já conhecido. Se o tivesse feito, o filme perderia porque a platéia não veria na tela o «fuzileiro», mas sim o ator, interpretando êsse papel.

David pensava na descoberta sensacional que havia feito. Recordava os testes e as cenas do filme. Sentia a sinceridade do desempenho, a beleza varonil do estreante e o seu porte de



«brotinho» de Hollywood

...OTINHO DE HOLLYWOOD

...E FENOMENAL!

jovem atleta. Sabia que êsses dotes físicos são de grande importância para a consagração de um artista, principalmente no trabalho que acabara de realizar, filmando inteiramente num verdadeiro paraíso tropical.

O enrêdo narra as aventuras de um jovem e u'a mulher, mais velha do que êle e o desejo que desabrocha no coração do rapaz — o **brotinho !**

Era o seu despertar para o amor, naquela ilha tropical. As noites de luar, juntos, dia e noite, a sós, longe da civilização...

David finalmente tomou uma decisão. O filme seria exibido, de surprêsa, numa noite de sexta-feira, no cinema de Westwood Village, pequena cidade universitária, a poucos minutos do coração de Hollywood.

Sexta-feira é a noite dos moços de Los Angeles e redondezas. Jovens casais de namorados vão aos cinemas, pois sábado folgam. A Universidade da California em Los Angeles conta com milhares de estudantes e são êstes parte do grande público que consagra ou rejeita um novo ator.

O produtor tinha razão ao escolher Westwood Village, pois o seu filme dependia muito do sucesso que Tab Hunter poderia

(Cont. na pág. 34)



Tab Hunter e Linda Darnell em a «Ilha do Desejo», da United Artists





Leslie Howard e John Barrymore em «Romeu e Julieta» sôbre o qual se refere o nosso colaborador em seu artigo «O Cinema na Vida dos Povos»

o fã pergunta: "A CENA" responde

DULCE DELAMARE (Rio) — Remessa de colaboração.

R — Sua colaboração é muito interessante, mas para a qual não temos seção.

RITA BANDEIRA (Rio) — «... sou fã absoluta de Dean Stockwell.»

R — Aguarde para breve a publicação do que você pede sôbre seu artista preferido.

OSWALDO (Pôrto Alegre) — «Como leitor assíduo dessa Revista, venho...»

R — Os Cine-Romances continuarão por uma razão muito simples: há uma infinidade de leitores que os aprecia grandemente. «Cristo Proibido» e «Caminho da Esperança» já foram exibidos aqui no Rio.

ELVIRA DE OLIVEIRA BRASIL (Salvador) — «... a versão americana de «Ben-Hur» ainda será exibida entre nós ?»

R. — Comercialmente, não. As cópias dêsse filme já foram retiradas de circulação há muito tempo. Fala-se numa nova versão com Robert Taylor, no papel que celebrizou Ramon Novarro. Voltaremos ao restante de suas perguntas.

JAIME RIBEIRO (São Paulo) — «... qual o elenco completo do filme «Travessuras de Julia» ?

R. — «Julia Misbehaves» (Travessuras de Julia), 1948, de Jack Conway, com Greer Garson, Walter Pidgeon, Mary Boland, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

MAGDA (Rio) — «... como se chama a espôsa de Burt Lancaster ?».

R — Norma Anderson. Não trabalha no cinema.

A. SILVEIRA (Campinas) — «... qual a ficha completa do filme de Dean Stockwell, «Kim» ?

R. — «Kim», 1950, de Victor Saville, cenarização de Leon Gordon, fotografia de William Skall música de André Previn, com Errol Flynn, Dean Stockwell, Paul Lukas, Robert Douglas, Thomas Gomez e Cecil Kallaway.

MIGUEL LEMOS (S. Paulo) — «... é verdade que Paul Henreid é de família nobre ?»

R. — Barão Paul Henreid von Wassel-Waldingau nasceu em Triestre, filho de pobres austríacos.

LAURO GOMES (Rio) — «... qual foi o filme de estréia de Mona Freeman ?»

R. — Mona apareceu pela primeira vez na tela no filme «Um Lírio na Cruz» (Till we Meet Again), com Ray Milland e Barbara Britton.

ISAURA — (Recife) — «... quando nasceu Jeanne Crain e qual o seu primeiro filme e o último ?»

R. — Nasceu em Barstow, Califórnia, no dia 25 de maio de 1925. Seu primeiro filme foi «Amor Juvenil» (Home in Indiana) e o último exibido aqui no Rio foi «A Família do Gênios» (Belles on their Toes). E' casada com o industrial Pal Brinkman.

NOEMA ALENCAR (Fortaleza) — «... quantos filmes foram feitos com Dorothy Lamour, da série dos «Roads» ?

R — Exatamente seis: «Road to Singapore», «Road to Zanzibar», «Road to Morroco», «Road to Utopia», «Road to Rio» e agora «Road to Bali».

Cine-Crítica do LEITOR

O CINEMA NA VIDA DOS POVOS

Não peço, em absoluto, — meu prezado leitor, — que você vá concordar com as minhas reflexões, sôbre o assunto em aprêço. Apenas, escrevo, dando vazão aos sentimentos que me vão n'alma e sentimentos êsses, que muitas vêzes encontram um parceiro amigo. Como muitos, eu também sou um dos amantes da «sétima arte», O CINEMA, e vejo realmente, que, tão bela arte, é no mundo de hoje, portadora de uma influência marcante, que penetra na vida dos povos de uma maneira surpreendente. Inegàvelmente, desde o seu aparecimento, que o cinema está sempre presente, em todos os setores da civilização humana. Cinema que desperta e cria paixões ! cinema que resolve casos amorosos ! cinema que faz reconciliações ! cinema que nos inspira ! cinema que nos mostra que «o crime não compensa !, cinema que «desopila o fígado !», cinema que provoca lágrimas ! cinema que dá lições de «bem viver !» cinema que instrui» ! cinema que educa ! cinema que diverte ! cinema — meu prezado leitor, — que não só vive nos planos materiais, mas que também sobe aos píncaros do invulgar, emocionando os «nossos eus» e afastando-nos, um pouco, das preocupações cotidianas. Só mesmo uma criatura «insensível» é que não admira e nem percebe, o grandioso valor da cinematografia ! E, se entre as «belas artes», sempre existiu combinação e harmonia, uma reciprocidade, enfim, esta se estende ao cinema, que encerra tôdas elas. E' evidente, que, os temas abordados nas películas, os seus enredos, a técnica de direção, coordenação, etc., etc., e o trabalho daqueles que as interpretam, influem, decisivamente, no seio das massas sociais. E, se atentarmos bem, — meu prezado leitor, — verificaremos, que, a cinematografia, já pode, hoje, ser considerada, como «utilidade pública, sem exagêro algum. Graças à relevante ação do cinema, tem progredido o intercâmbio cultural e a batalha de aproximação entre os povos, o que deve sempre existir. Os «mestres da câmera», descentralizaram suas ações e o cinema tem trabalhado por um mundo melhor ! A própria «história da civilização torna-se mais conhecida e divulgada, ao mesmo tempo que a inteligência se aprimora... penetrando em museus, arquivos, e regiões históricas, etc... para o fiel cumprimento dos enredos, cenários, partituras, etc., etc., — o emprêgo do «artificialismo» junto ao «naturalismo», — tudo, sem dúvida alguma, obra dos «homens de cinema !» Os «cultores das belas artes», prestam declarações, revelando curiosidades, esclarecendo dúvidas. E o resultado das pesquisas empreendidas, as filmagens «in loco», e as equipes de cineastas que se dispersam pelos continentes, — concretizam, cada vez mais, a «política de boa vizinhança», numa mútua cooperação dos países, junto as emprêsas cinematográficas. Êsse, — meu prezado leitor, — é o grandioso trabalho do cinema ! E honra seja feita aos seus «homens», que, acompanhando

(Cont. na pág. 34)



Paul Henreid, que figura na pergunta do leitor Miguel Lemos, de São Paulo


A FOLIA NA TABA



OS GAROTOS DA LUA, harmonioso conjunto vocal, é uma das atrações da programação carnavalesca do «Cacique». «A marcha do bingo», criação dêles, está com jeito de apontar...

O CARNAVAL TOMOU CONTA DA TABA

ACERTOU SEUS RELÓGIOS PARA OS FOLGUEDOS MOMESCOS O ESTADO-MAIOR DA TUPI ★ DESDE AS AUDIÇÕES DE MÚSICA EM CONSERVA ATÉ AOS PROGRAMAS DE ESTÚDIO, TUDO É CARNAVAL ★ TRÊS GRANDES ORQUESTRAS E DOIS CONJUNTOS REGIONAIS COLABORAM PARA O MAIOR SUCESSO DO CARNAVAL DO CACIQUE DO AR

Reportagem de **MARCOS GASSMANN** Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



ADEMILDE FONSECA não está com um repertório carnavalesco de primeira, mas, mesmo assim, consegue agradar aos seus inúmeros admiradores



ARACI COSTA é figura imprescindível nas audições momescas. Ela é ouvida em quase todos os programas do gênero apresentados pela G-3

Esta reportagem teve início há mais cu menos um mês atrás, na sala da direção da Rádio Tupi. Deveriam ser oito horas da noite. O recinto espaçoso estava cheio e a fumaça dos cigarros tornava o ambiente quase irrespirável. Todo o estado maior das Emissoras Associadas lá se encontrava reunido: Murilo Gondim (Superintendente Geral), Péricles do Amaral (diretor geral de broadcasting), Paulo de Gramont (diretor artístico), Souza Barros (diretor comercial) e ainda Waldyr Wey e Hamilton Pacheco (assistentes da direção geral). O departamento musical estava representado por seu diretor, o maestro Leônidas Autuóri e, inúmeros redatores da G-3. Discutia-se algo de suma importância: o início da programação carnavalesca. O repórter, sentado a um canto, apreciava o calor com que eram discutidos os vários pontos a serem atacados. E' com uma espécie de orgulho que cada emissora apresenta seus programas, seus cantores, e, principalmente, as criações dêstes. A vitoria de uma marcha ou samba pertence também à emissora. Resulta daí o ataque que o maestro Leônidas Autuóri sofreu quanto às orquestrações e o valor das criações dos elementos do grande "cast". Era necessário estar tudo bem acertado, bem ajustado, para que houvesse uma distribuição justa nas escalações. Os horários para a transmissão de "shows" exclusivamente carnavalescos, foi um dos pontos mais discutidos, pois não podiam prejudicar programas de grande audiência cu cujos contratos não admitiam trocas nas suas estruturas.

A porta da sala abria e fechava continuamente, arejando um pouco a sala. Era o contínuo que saía para expedir as ordens que lhe entregavam. Pouco a pouco ia-se formando o grande esbôço da nova linha de programação. As dificuldades de rotina eram transpostas. As arestas estavam sendo aparadas por esta equipe de eficientes homens de rádio. Enfim, lá pelas 23 horas, o plano estava elaborado; só faltava concretizá-lo, lançando-o ao ar. Cansados, suados, com os olhos avermelhados de tanto esfôrço, os homens iam saindo um a um ou em pequenos grupos, discutindo, ainda, o que poderia ser acertado nos dias em que seriam apresentados os programas.

Sorrindo, Waldyr Wey aproximou-se do repórter e perguntou o que acháramos da reunião. Respondemos que admirávamos o trabalho que dá a elaboração de um plano de atividades ao rádio e a capacidade de trabalho da equipe. Alargando ainda mais o sorriso, deu-nos uma pancadinha no ombro e disse:

— Isto não é nada, "nêgo". O pior será na montagem dêstes programas, na escalação dos cantores. Aí, sim, os galhos (gíria radiofônica que representa as dificuldades de serviço) vão surgindo, formando uma verdadeira árvore. E vocês, ouvintes, não sabem, nem podem imaginar a série interminável de fatôres que se agrupam para formar aquilo que se chama programa de rádio. E olhe que os carnavalescos são os mais fáceis de todos.

★

Passaram-se as semanas e o repórter, ao ligar seu rádio para a G-3 pôde verificar o resultado daquelas horas de intermináveis discussões. As audições carnavalescas distribuíam-se abundantemente e com uma homogeneidade que mostra a perfeita planificação e, principalmente os ouvintes têm carnaval diàriamente, desde os suplementos em gravações até aos programas de auditório.

Dêste modo, nas audições de "Rádio-Seqüência G-3", Aerton Perlingeiro comanda um desfile dos maiores cartazes da Taba. E lançou uma novidade: êste grande louco do rádio apresenta, às quartas-feiras, às 13 horas, uma revista de bôlso, coisa inédita no rádio brasileiro, em que faz desfilar as mais alucinantes garôtas sob o comando de Nélia Paula, em espetáculos cem por cento carnavalescos. Outra atração de auditório que se transformou em verdadeiro baile carnavalesco é o "Sábado de Festa", que, exceto três quadros, é a folia da mais ardente que impera, ainda sob o comando de Aerton Perlingeiro.

Aos domingos, Silveira Lima não fica atrás e, no seu "Domingo é Nosso", lá estão Gilberto Alves, Elisete Cardoso, Roberto Paiva, Dóris Monteiro e outras grandes vozes da Tupi lançando seus sucessos para o auditório, quase sempre lotado. À tarde, "Festa na Taba" prossegue o desfile, agora sob o comando do brôto Wilton Franco

(*Cont. na pág.* 34)



DÊO, o ditador de sucessos, também está tomando parte destacada nos «Broadcas's» momescos da Tupi. Antiguidade é pôsto...



AS PASTÔRAS de Ataúlfo Alves são, sem dúvida alguma, o ponto alto da audição carnavalesca da Taba. Afinadas, sabendo como interpretar o samba, seu concurso é valioso nos coros



JOÃO DE FREITAS, um dos mais populares elementos do elenco da Rádio Clube do Brasil, é, também, dos mais operosos vereadores cariocas. Nesta foto vemo-lo recebendo um presente de uma de suas fãs, que são inúmeras

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Wanderley Ferreira, que já foi diretor-artístico da Emissora Continental, firmou compromisso com as Associadas Cariocas, devendo produzir alguns programas para a Tupi.

★

O «Baile do Rádio», em que será coroada a «Rainha do Rádio de 1953», será realizado no dia 10 de fevereiro no Teatro João Caetano.

★

Foi contratado para a direção do Departamento de Divulgação da Rádio Nacional, o jornalista Brício de Abreu. Para seu auxiliar direto, a E-8 contratou Fernando Jacques.

★

Eleita que foi no dia 20 do corrente, a nova diretoria da Associação Brasileira de Rádio ficou assim constituída: presidente — Manoel Barcelos; vice-presidente e diretor do Departamento Recreativo — Raul Brunini; vice-presidente e diretor do Departamento Cultural — Celso Guimarães; vice-presidente e diretor do Departamento Legal — Géber Moreira; vice-presidente e diretor do Departamento de Assistência Social — Jorge Cury; secretário geral — Armando Louzada; 1º secretário — Maria Neyde; 2º secretário — Ari Vizeu; tesoureiro — Osvaldo Luís; membros do Conselho Fiscal — Floriano Faissal, Luís Mendes, Afrânio Brunini, Santos Garcia e Alceu Nunes Fonseca. Carlos Brasil foi eleito presidente do Conselho Deliberativo, e Olavo de Barros, vice-presidente.

★

Assumiu a chefia do Departamento de Locutores da Rádio Tupi, o «annonceur» Osvaldo Luís.

★

Fala-se que a Rádio Globo contratará novos repórteres, para a grande equipe que pretende formar, a fim de fazer uma ampla cobertura de todos os acontecimentos.

★

Consta que nada menos de 200 elementos serão cortados pela Rádio Nacional.

★

«Rocambole», seriado de Luís Quirino, está sendo apresentado pela Rádio Tamoio, de segunda a sábado, às 18 horas e 45 minutos.

★

Waldir Wey é o autor e o principal intérprete de «Aventuras do Vencedor», novo seriado que a Tamoio lançou às 19 horas e 15 minutos, em lugar de «Jaguar, o terror dos detectives».

★

O produtor Roberto Silveira trocou a Rádio Mayrink Veiga pela Emissora de Piratininga, uma das mais populares estações bandeirantes.

DISSE-ME-DISSE

Dizem que o Aldo Madureira está numa verdadeira sinuca. Êle, como diretor de radioteatro da Tamoio não pode dar muitos papéis fixos à sua espôsa (a radioatriz Hilda Barros) nem pode deixar de escalá-la com freqüência. De um modo ou de outro, a turma de teatro cego da B-7 falaria dêle...

●

Henrique Tavares é o atual proprietário de 65 por cento das ações da Rádio Relógio Federal. Sabem quem foi o intermediário na compra? Um alto funcionário da Rádio Globo.

●

E por falar em Rádio Globo: sabem quanto custará cada minuto aos partidos políticos que desejarem fazer sua propaganda na PRE-3? A bagatela de 10 mil cruzeiros...

●

Pedro Anísio (como muitos elementos do rádio carioca) não topa a Zezé Fonseca de maneira nenhuma.

●

Um elemento bem relacionado com a alta direção da Rádio Nacional informou-nos que Vítor Costa já tem preparado o «bilhete azul» para inúmeros pseudo-artistas que ingressaram na estação da Praça Mauá graças aos pistolões.

●

Dizem que o J. Piedade continua vendendo sambas a muita gente boa. Algumas das produções do festejado autor de «Tudo acabado» estão conseguindo grande sucesso, embora apareçam como sendo de outros autores...

MR. KILOCYCLO

VALE A PENA SABER

Oscarito, antes de ser o esplêndido cômico que o Brasil inteiro conhece, foi pianista de vários cinemas no tempo em que inexistia o som. Hoje em dia, só nas horas vagas é que êle dedilha o instrumento que lhe salvou de muitas aperturas.

●

Quem lançou o hoje famoso Paulo Gracindo no rádio brasileiro, foi o saudoso Gilberto de Andrade, ao tempo em que era diretor da Rádio Tupi.

●

Júlio Queiroz, antecedendo seu ingresso na Rádio Eldorado, fêz um estágio de alguns meses na BBC de Londres.

●

Antônio Maria, ao contrário do que muitos pensam, não é baiano, e sim pernambucano de quatro costados. Seu «irmão espiritual» é o Fernando Lôbo, que também é filho da terra da cana.

●

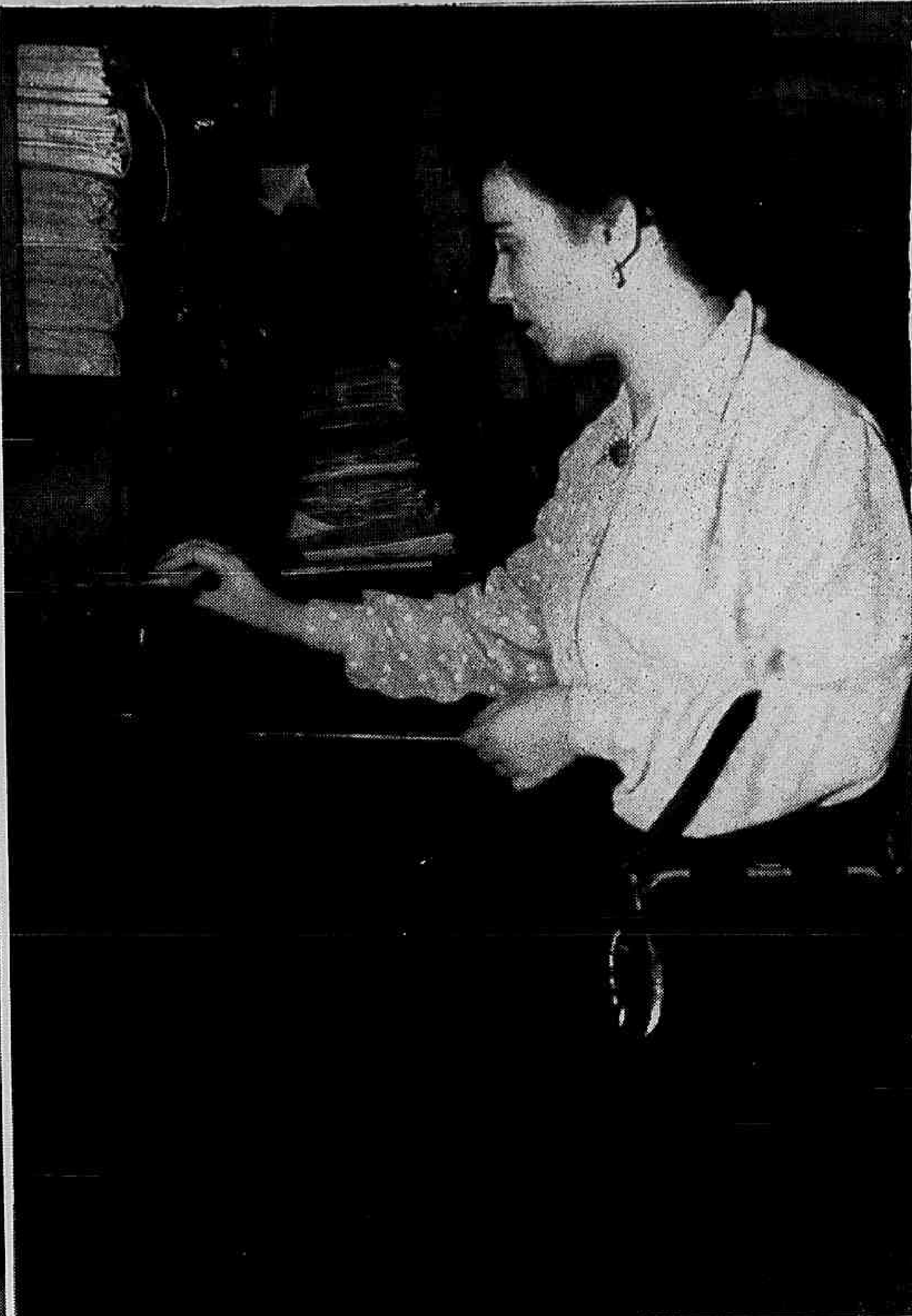
Hélio Tys foi o culpado da recente debandada de cartazes da Mayrink para a Paulicéia. Transferindo-se para a capital paulista, onde assumiu a direção artística da Piratininga, ex-Cruzeiro, o jovem Tys começou a assuntar seus antigos colegas de prefixo que, de pronto, acederam a seu convite.



HEBE CAMARGO, uma das mais prestigiosas figuras da constelação da Rádio Nacional de São Paulo, deverá, brevemente, realizar nova temporada ao microfone da Rádio Nacional, dando seguimento, assim, ao intercâmbio de astros e estrêlas feito pelas duas grandes emissoras



HILDA sabe ser bela. Apesar de não precisar muito do auxílio da pintura, ela não deixa de retocar os lábios, sempre que o tempo lhe permite



PONTUAL, jamais faltando às audições, ela não deixa de marcar o ponto, como qualquer funcionário burocrata. Esta é uma das exigências da B-7 aos seus artistas

HILDA BARROS É UMA ESCRAVA DO RÁDIO

Um romance que abalou São José dos Campos — A rápida vitoriosa carreira da "platinum blonde" da Tamoio — Suas obrigações com o rádio não lhe permitem receber a visita da cegonha

Reportagem de Otton Corrêa
Fotos de Alexandre Miranda

Hilda sempre foi uma das mais lindas pequenas de São José dos Campos. Inteligente, comedida nas ações e apreciada por tôdas as pessoas de suas relações. Pretendentes nunca lhe faltaram. Os convites se amontoavam. Os pais de Hilda eram assediados por vizinhos que «desejariam muito ver nossos filhos casados». Mas, nada adiantava... Hilda parece que esperava alguma surprêsa...

★

Certo dia estourou em São José dos Campos, fugindo de uma boêmia in-

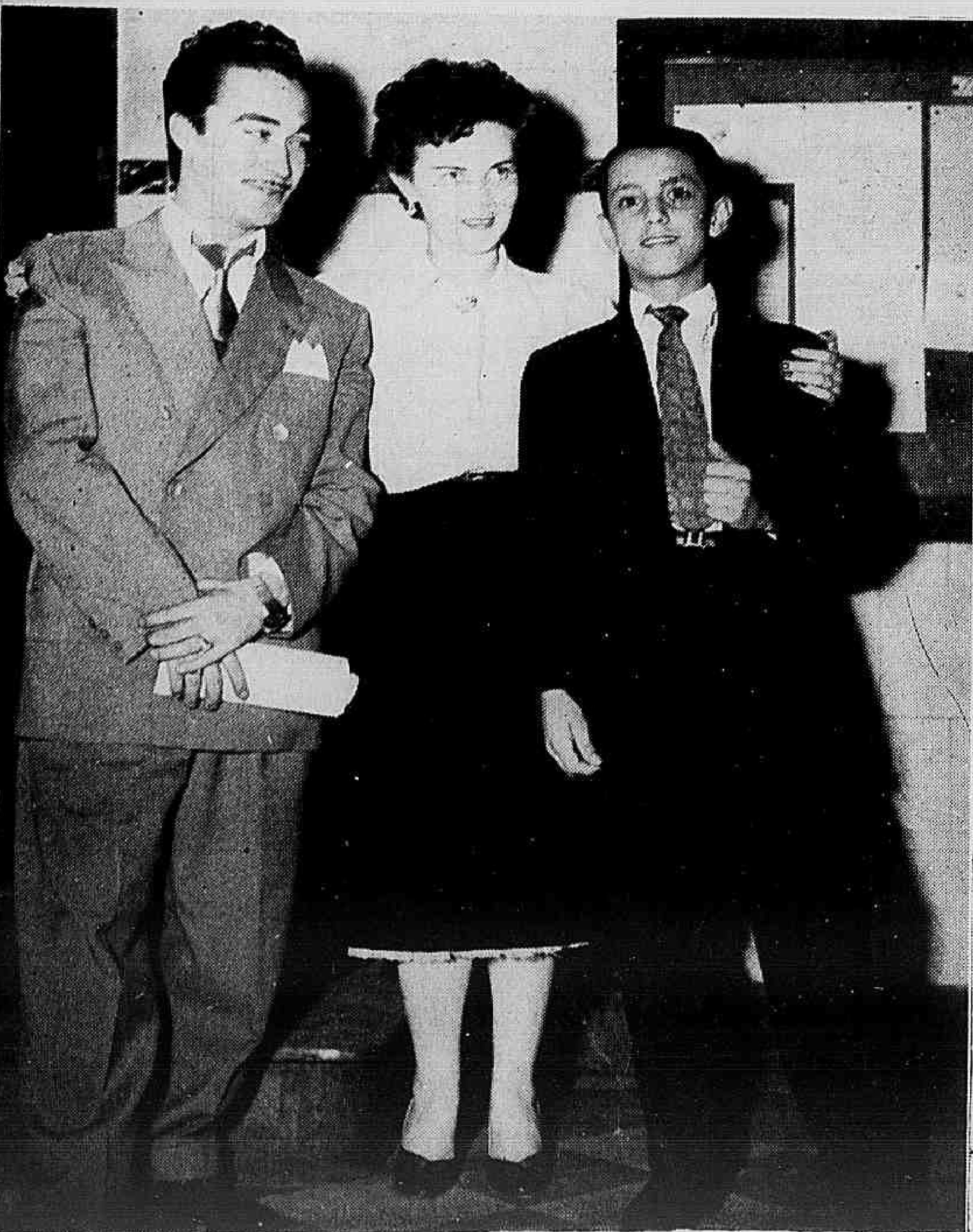


A INTÉRPRETE de «Adriana» é, também, espôsa amantíssima. Quando não está ao microfone, ela poderá sen encontrada ao lado do novelista Aldo Madureira, seu marido e companheiro de emissora



HILDA mostra a José Saleme, um dos bons locutores da Tamoio, um dos cartazes de propaganda da novela «Os que não devem nascer»

HÉLIO RIBEIRO (à esquerda) e Milton Jacques, dois populares rádio-atores da Tamoio, cercam a sua «mamãe» na novela de Caignet que a B-7 está apresentando



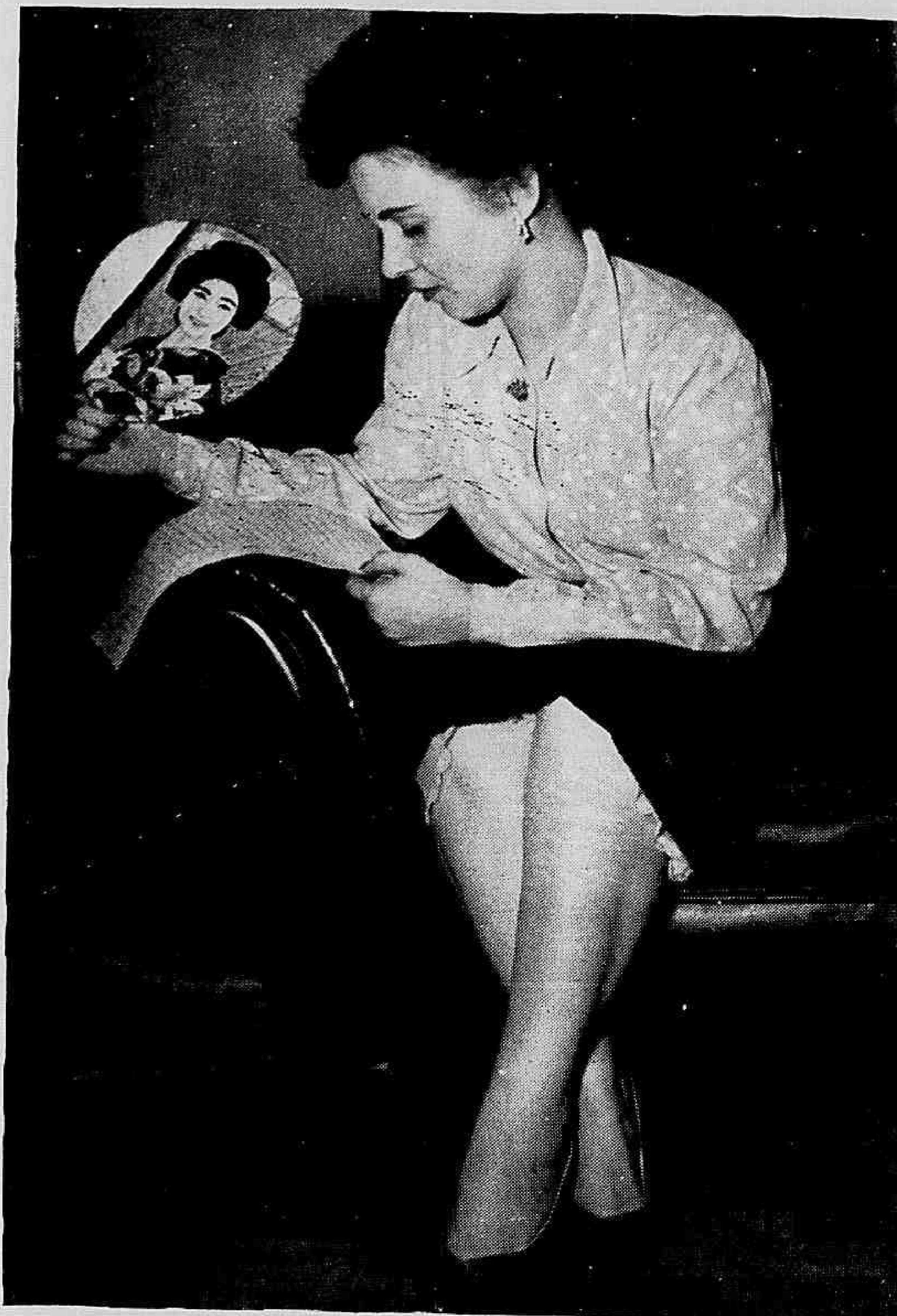
veterada vivida nas noites grandes da capital paulista, um rapaz mediano chamado Aldo. Êle era de rádio. Mas, por motivos seus, havia mandado às favas as hertzianas e então procurava esquecer o bulício radiofônico na doce São José dos Campos... Dali saíra a alguns anos para tentar o rádio mais moderno das grandes cidades. Deixara sua genitora e suas irmãs esperançosas de seu êxito. Não voltou derrotado, mbas sim disposto a não mais gastar sua massa encefálica em «scripts» radiofônicos.

★

Aldo, acostumado à vida buliciante da metrópole não demorou, entretanto, a se amoldar à vida pacata e parada daquêle burgo bandeirante... boêmio de primeira linha a levar a doce Hilda à frente do altar. E foi o que aconteceu. Num dia muito bonitinho, cheio de abraços, de «felicidades para vocês», «sejam felizes», «que Deus os proteja para o resto da vida», etc., saiu um casamento inconcebível, de parte do Aldo, naturalmente, em São José dos Campos.

★

Mais uma vez valeu a máxima de que o «casamento endireita muita gente». Aldo, que jurara «guerra de morte» ao rádio, resolveu novamente cair em seus braços, aceitando um convite para dirigir a Rádio Clube de São José dos Campos. Aí voltou à cena aquêle Madureira vigoroso, produtor de envergadura, sempre crian-



PARA ABRANDAR a canícula, enquanto repassa a leitura do «script», a graciosa estrêla abana-se com uma elegante ventarola

Num dia memorável, conheceu uma pequena loura, linda, graciosa e atraente demais. Sem perda de tempo, soltou o **verbo** sôbre a criatura e ela não teve a coragem de ciciar, apenas, um pequenino não. A graciosa, leitores, não era senão a linda Hilda, a joia da família Schubert... Os encontros foram acontecendo sucessivamente. Aldo já encarava tudo com olhos grandes, já previa o inevitável... De repente... estoura a bomba: «temos o prazer de participar-lhes o noivado de minha filha Hilda Schubert com o sr. Aldo Madureira»... A rapaziada criada com o Madureira não queria de maneira nenhuma acreditar no evento. Não era possível, só podia estar doente o Madureira!!! Mas não estava não. Cupido, o maior nas histórias de amor, intimou aquêle

do novidades para os sintonizadores da Rádio Clube local. Consultando o termômetro marital, sentiu que a sua cara-metade poderia muito bem trabalhar ao seu lado. E Hilda Schubert Madureira, que pintou uma rádio-atriz de primeira água, passou ràdiofônicamente a ser Hilda Barros. Radialistas conscientes, fazendo um rádio apreciável com poucos recursos, tornaram-se popularíssimos. Nesse ponto, êles sentiram a necessidade de tentar pulos maiores, tanto financeira como artisticamente. Aldo assuntou, primeiramente, uma proposta na capital bandeirante. Mas, falou mais alto um convite do bonachão Paulo de Grammont, e o casal não titubeou, rumando incontinenti para a Sebastianópolis.

(Cont. na pág. 30)



Emilinha tem trabalhado duplamente para conseguir o reinado radiofônico

SENSACIONAL O CONCURSO DA A. B. R.

ROGÉRIA ASSUMIU A LIDERANÇA

COMEÇA A EMPOLGAR O CERTAME QUE APONTARÁ A SUCESSORA DE MARY GONÇALVES ★ HAYDÉE MIRANDA CONTA, AGORA, COM O APOIO DO VASCO DA GAMA E ÂNGELA MARIA ESTÁ AMPARADA PELO FLAMENGO ★ TEREMOS NOVAS SURPRÊSAS NAS PRÓXIMAS APURAÇÕES

A verdade seja dita: a princípio, quando foram anunciados os nomes das candidatas ao título de «Rainha do Rádio de 1953», um só pensamento dominou a todos — a sucessora de Mary Gonçalves seria Emilinha Borba, em face do entusiasmo com que grande parte do público ouvinte sempre cercou a cantora da Rádio Nacional.

Mas, já nas primeiras apurações, os radialistas (que também têm as suas candidatas e vêm acompanhando o pleito da Associação Brasileira de Rádio com o maior carinho) e os sintonizadores chegaram a uma conclusão acertadíssima, em face do rendimento apresentado pelas demais candidatas — se a representante da Rádio Nacional quisesse abiscoi-



UMA FASE do trabalho de apuração, vendo-se os dois Fernandos — o Lopes e o Garcia(marido de Haydée Miranda, uma das mais fortes candidatas) — na tarefa de contar votos



ÂNGELA MARIA junto ao esplêndido automóvel que caberá à primeira colocada no certame da A.B.R. A morena côr de jambo está trabalhando para que o carro seja seu



HAYÉE MIRANDA está agindo para triunfar e abiscoitar a coroa. E' a candidata que conta com o apoio do Clube de Regatas Vasco da Gama, campeão carioca de futebol. Ei-la em ação antes de um jôgo do campeonato carioca

tar a coroa teria de trabalhar muito, pois as suas concorrentes estavam bem apoiadas.

AS CANDIDATAS E OS CLUBES

Êste ano, ao contrário do que tem acontecido nos certames anteriores, as candidatas à sucessão de Mary Gonçalves no trono dos radialistas procuraram interessar os torcedores dos grandes clubes desta capital no pleito em benefício da construção do Hospital do Radialista. Assim é que Haydée Miranda, uma vascaina de quatro costados, ganhou o apoio do Clube de Regatas Vasco da Gama, campeão carioca de 1952. Ângela Maria, por sua vez, recebeu o amparo do Flamengo, cuja torcida é bem grande e pode muito bem influir no resultado do concurso. Marly Sorel, por outro lado, conta com as simpatias do Fluminense Futebol Clube e a novíssima Rogéria, além de ser a representante das Rádios Globo, Mauá e Guanabara, conta, ainda, com o decidido apoio dos banguenses.

Como vemos, tôdas as candidatas souberam agir, interessando um grande número de pessoas nas eleições para «Rainha do Rádio de 1953». Isto, como é óbvio, dificultou bastante a arrancada de Emilinha Borba, que já levava a coroa como favas contadas.

A ULTIMA APURAÇÃO

Na apuração de 22 do corrente deu-se, então, a grande surprêsa: a novata Rogéria passou para o primeiro pôsto, levando uma grande vantagem sôbre as demais concorrentes!

Mas, vejamos os resultados:

1°	Rogéria	139.492	votos
2°	Marly Sorel	116.000	»
3°	Emilinha Borba	110.769	»
4°	Haydée Miranda	86.928	»
5°	Ângela Maria ..	46.194	»
6°	Regina Maria ..	4.860	»
7°	Linda Silva	2.300	»
8°	Lecy Bastos	1.640	»

UMA NOVA CANDIDATA

Como vemos, na última apuração apareceu uma nova candidata, a artista Linda Silva, representante do rádio baiano. Segundo declarações da caçula das participantes, ela ainda está esperando grande número de votos da Boa-Terra, o que equivale a dizer que espera colocar-se honrosamente em 4° ou 5° lugar.

(Cont. na pág. 30)



MANOEL BARCELOS, presidente da Associação Brasileira de Rádio, palestra com Regina Maria, candidata do Espírito Santo, Rogéria, candidata das Rádios Mauá, Globo e Guanabara e Marly Sorel, candidata da Continental e da Cruzeiro do Sul



MARLY SOREL e Ângela Maria trocam impressões sôbre o concurso. As duas estão esperançadas e vêm trabalhando com afinco para vencer

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4° Andar — RIO
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

Para Você Cantar

O NEGÓCIO É O SEGUINTE

Samba de Haroldo Lôbo, Milton de Oliveira e Jorge Gonçalves, gravado pelos "Cariocas".

Cinco e minco são dez, oi,
Dez e dez não vinte.
Fala meu louro,
O negócio é o seguinte: oi.

Chegou a hora
Da curriola.
Você vai pro "Hight-Life"
Que eu vou pra Bola
Ora se vou.

★

CANSADO

Samba de Zé da Zilda, Adelino Moreira e J. Reis, gravado por Zé e Zilda.

Cansei de pedir.
Cheguei a implorar.
Os meus olhos ficaram bastante
Cansados de tanto chorar.

Seu arrependimento
Não vai me convencer.
Pois eu cansei de pedir,
Cansei de implorar.
Não quis me atender.

★

MANOLO

Marcha de José Roy, Orlando Monello e Luiz Costa, gravada por Francisco Carlos.

Encontrei Manolo
Chorando de dor,
Só porque Chiquita
Bonita
Não quer mais seu amor.

Quando Manolo
Entrava na arena
Era verdadeira maravilha.
Depois que brigou
Com Chiquita bonita,
Não foi mais a Sevilha.

★

PAPAI MUDOU

Marcha de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira, gravada por Vera Lúcia.

Até papai,
Que nunca brincou,
Chegou em ca.a de manhã.
Então mudou.

Papai todo borocochô
Até falou
Que ia pra fora.
Mas de repente mudou
Mudou em cima da hora.

TRABALHADORES DO BRASIL

Samba de Silvino Neto, gravado por Silvino Neto.

Trabalhadores do Brasil... Eu vos [dirijo minha
palavra neste momento nacional...
Trabalhadores do Brasil.
Nós somos, nós queremos traba- [lhar...
E trabalhamos com tôda firmeza
Pelo gigante da própria natu- [reza...
Mas sr. Presidente, a vida está de [amargar...
Mas sr. Presidente, a vida está de [amargar...

Meu barraco de madeira
Está querendo desabar...
Vou levando a vida inteira
Esperando melhorar...
Mas sr. Presidente, a vida está de [amargar...
Mas sr. Presidente, a vida está de [amargar...

★

VAI LEVANDO SINHÁ

Batucada de Anísio Bichara e Aldanir Louro, gravada por Gilberto Alves.

Todo mundo na bôca, ê, ê,
Vai levando Sinhá.
Deixa a boa comigo, ê, ê,
Leva o resto pra lá

O pagode está bom
Todo mundo cantando
Este ritmo quente
Que mexe com a gente.
Eu também vou levando, ê, ê.

★

PELO AMOR DE DEUS

Samba de Humberto Teixeira e F. Godoy, gravado por Emilinha Borba.

Pelo amor de Deus,
Não diga que vai me deixar.
Nem diga que já não me quer,
Que eu vou chorar
Eu vou chorar.

Eu sem você
Não sei o que vou fazer.
Peça tudo que quiser,
Mas pelo amor de Deus, não diga
Que já não me quer.

★

TIROLÊS

Marcha de Herivelto Martins, gravada pelo "Trio de Ouro".

Rosa Maria encontrou um tirolês.
Que apaixonado lhe falou o tiro- [lês:
Moreninha queimada do sol
Eu vou te levar pro Tirol.

Nas montanhas do Tirol.
Não há sol, não há sol,
Moreninha bronzeada
Vais deixar muita gente abafada,

VOCÊ MENTIU

Samba de João de Barro, gravado por Jorge Goulart.

Você mentiu
Dizendo que me amava.
Você mentiu
Pois não me tinha amor.
Depois mais tarde
Você mentiu que me odiava;
Pois da mentira
Nascera um grande amor.

E hoje chora,
Implorando um carinho meu.
Mas é tarde demais
Meu amor morreu.

★

AMANHÃ OU DEPOIS

Samba de Irany de Oliveira e Ary Monteiro, gravado por Carlos Galhardo.

O que você me fêz
Amanhã ou depois
Você há de pagar.
Você vai padecer
Vai penar, vai sofrer,
Deixe o dia chegar.
Você tem que sofrer
Pelo mal que me fêz
Quando o dia chegar.
Pois, o tempo é assim
Êle só é ruim
Pra quem não pode esperar.

★

PARAFUSO

Marcha de Zé da Zilda e Adelino Moreira, gravada por Zé e Zilda.

Parece um para, para, para, para- [fuso
Sambando dentro do salão.
Parece um para, para, para, para- [fuso
Quando ela ginga com o pandeiro [na mão.

Me empresta Iaiá seu instru- [mento.
Já eu não agüento
Também quero pegar.
Se fôr questão de dinheiro,
Eu pago, pago, pago pra tocar no [seu pandeiro.

Rogéria assumiu...

(Cont. da pág. 28)

NOVAS SURPRÊSAS NAS PRÓXIMAS APURAÇÕES

Tudo indica, a julgar-se pelo decidido trabalho das candidatas, que teremos novas e grandes surprêsas nas próximas apurações. Assim é que Haydée Miranda, que conta inclusive com o apoio de uma parte da Marinha (até nisso Emilinha ganhou uma rival), irá à cidade de Campinas, com uma grande caravana de elementos das Associadas Cariocas, a fim de angariar votos. Enquanto isso, os vascainos, com aquela generosidade muito conhecida, não se cansam de adquirir os votos da representante das Rádios Tamoio, Tupi e Televisão-Tupi.

Marly Sorel, não tendo ficado muito satisfeita em ser suplantada pela novata Rogéria, redobrou os esforços na venda de votos, estando numa atividade louca. Emilinha Borba, por seu turno, teria declarado que, quinta-feira próxima, lançaria alguns dos milhares de votos que estão guardados na sua bôlsa «para elas verem o que é bom».

A candidata da Rádio Mayrink Veiga e do Flamengo, a «mignon» Ângela Maria, por outro lado, anunciou que espera quadruplicar a sua votação para roubar a liderança de Rogéria. E esta, finalmente, caiu de amôres pelo primeiro lugar e não quer mais soltá-lo.

Dessa forma, a competição ficorá cada vez mais empolgante e será difícil responder à pergunta que os fãs estão fazendo — quem será a nova «Rainha do Rádio»?

PONTOS DE VISTA...

(Cont. da pág. 33)

laridade das cantoras. Mas não lhe faltam graças e encantos. Na televisão, Haydée Miranda conquista sem falar. O seu sorriso é um bálsamo um refrigério suave à crueldade daquele desfile de calouros que o Ari Barroso comanda. A gente vê que pelo gôsto de Haydée, não haveria gongo e aquêle termômetro subiria sempre quando os pobres calouros começassem..." — *Dig*

— "A direção da Rádio Roquete Pinto está metendo os pés pelas mãos. Com a saída de Tude de Souza muita coisa séria tem acontecido naquela "peê-érre". A emissora da Prefeitura vai irradiar até futebol, ignorando os dirigentes daquele prefixo que noventa e nove por cento das rádios cariocas já transmitem o desenrolar dessas pelejas esportivas. Por outro lado, a organização do Departamento Jornalístico, não falada a princípio, não passou de um autêntico "blefe". Apenas três gatos pingados foram admitidos, e assim mesmo, como colaboradores. Acontece, entretanto, que êsses três elementos já trabalham às 24 horas do dia em outras emissoras, fazendo um outro tipo de rádio". — *José Machado*

Hilda Barros é...

(Cont. da pág. 26)

Hodiernamente, os nomes Aldo Madureira e Hilda Barros balbuciados naturalmente, são figuras obrigatórias nas realizações da Tamoio. Aldo, à custa de seu valor já atingiu o difícil posto de Diretor do Departamento de Rádio-teatro da B-7. Hilda Barros, relativamente ao marido, sem injustiça alguma, coloca-se como a melhor rádio-atriz da «emissora da família brasileira», mercê dos seus notáveis desempenhos nos diversos espetáculos de teatro cego que a estação de Júlio Louzada leva ao ar.

★

Presentemente, Hilda Barros tem a seu cargo, na simpática Rádio Tamoio, apenas dois papéis fixos, em duas novelas de grande sucesso: o de «Adriana», a principal figura feminina de «Os que não devem nascer», que é levada ao éter tôdas às têrças, quintas e sábados, às 20,30 hs., e o de namorada de Antônio Leite, no programa «Encontro de namorados», que vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 16,45 horas. Além dêsses, ela desempenha, quotidianamente, os principais papéis de «O teatro das duas e meia» (diàriamente, às 14,30 hs., e «Pausa para meditação» (diàriamente, às 17 horas, e às têrças, quintas e sábados, às 21 horas).

★

Hilda, que é justamente considerada por milhares de ouvintes a rádio-atriz que melhor sabe chorar ao microfone, embora casada há muito, não tem filhos. O repórter estranhou o fato, e ela esclareceu:

— Eu e o Aldo somos doidos por crianças. Nosso maior sonho é ganhar um pimpolho, para passar ao lado dêle momentos inesquecíveis. Entretanto, amamos bastante a nossa carreira radiofônica, e, como você sabe, o rádio absorve demais a gente, roubando-nos todos os nossos momentos, escravizando-nos, mesmo. Por isso, ainda não quisemos receber a visita da cegonha...

E finalizando, para atender ao chamado do contra-regra Aladim Wanderley — estávamos em cima da hora de transmissão de «Os que não devem nascer» — ela afirmou:

— Mais tarde, quem sabe ?, a família Madureira poderá ser aumentada...

PADRE LUÍS — D. Malvina, a vontade do povo é soberana... e não podemos remar contra ela.

MALVINA — Até ontem, todos diziam que era uma feiticeira, que devíamos ser expulsos daqui por causa disso. E agora... quem é que pode compreender?

PADRE LUÍS — E' um fenômeno muito natural, d. Malvina. Geralmente as massas tomam o partido dos mártires, quando elas não puderam participar da sua perseguição. E' o motivo por que agora todos se voltam contra a senhora.

MALVINA — Mas eu sou a mãe de Maria Angélica. Seria incapaz de uma coisa dessas! O senhor não acredita em mim?

PADRE LUÍS — Não posso dizer nem que sim, nem que não. Seria julgar ao acaso, e sou inimigo disso.

MALVINA — O senhor precisa me ajudar, padre Luís. O Mendes não está em casa, e eu não posso lutar sòzinha contra a investida dessa gente!... Êles querem me obrigar a dizer onde está a minha filha. E eu não sei. Não sei como foi que ela conseguiu fugir!

PADRE LUÍS — O fato da senhora ter prendido a menina naquele quarto é uma agravante muito poderosa. Nos nossos dias, êsses processos do castigo estão sendo esquecidos, e não se admite mais que os pais torturem os filhos só porque são pais.

MALVINA — Mas eu não a torturei, padre Luís!... O que fiz com ela não é tão grave assim!... Não tive culpa dela ter fugido!

PADRE LUÍS — Como? Se a senhora mesma foi a primeira a dizer que aquela porta não tem duas chaves iguais — e que ninguém a poderia ter aberto?!

MALVINA (Cai) — Não sei... não sei... Estou preocupada... e se ao menos o Mendes estivesse aqui... Justamente agora que êle achou de viajar.

PADRE LUÍS — Se êle estivesse aqui, a senhora não teria coragem para...

MALVINA — Pode dizer, padre Luís. Eu sei que o senhor também é contra mim. Não, não precisa se ofender. Conheço bem as pessoas, e sei quando as suas intenções correspondem com a verdade.

PADRE LUÍS — Mas... d. Malvina...

MALVINA — Que quer, seá Raimunda?... Por que não diz logo que a senhora também é contra mim?

RAIMUNDA — Não estou falando nada, d. Malvina.

MALVINA — Ficou parada aí na porta, como se esperasse um milagre. Por que não vem dizer logo o que pensa?

RAIMUNDA — A senhora está impressionada à-toa, d. Malvina. Não sou contra nem a favor da senhora. Só sei que a menina sumiu e o povo está dizendo certas coisas...

MALVINA — Já sei. Não precisa dizer. E' só?

RAIMUNDA — Não. Tem um homem lá na sala esperando a senhora.

MALVINA — Quem é?

RAIMUNDA — Não sei, não conheço não. Êle disse que é delegado e precisa falar com a dona da casa...

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XXII

Enquanto na cidade se faziam mil suposições em tôrno do seu desaparecimento, Maria Angélica encontrava-se na fazenda do sr. Teófilo dos Santos, que a achara perdida na estrada. Em pouco tempo a menina cativou a simpatia de todos, principalmente do velho Tio Juca, que se ofereceu para tomar conta dela. O sr. Teófilo, todavia, procurava convencê-la de que devia contar a verdade acêrca de sua situação.

TEÓFILO — Acho que você deve me contar a verdade, minha filha. Nós não podemos retê-la aqui, enquanto os seus pais estão aflitos à sua procura, sem saber onde você está.

MARIA (Chorosa) — Eu não quero voltar para casa não, sr. Teófilo. A mamãe vai me maltratar...

TEÓFILO — Se você não fêz nenhuma arte... ela não pode maltratá-la!

MARIA — O senhor não conhece a mamãe. Imagine o senhor que ela... (tosse) — pois é... ela me fechou numa despensa fria... parecia de gêlo! Fiquei muito tempo lá. E não tinha uma gôta d'água!... Se não fôsse Ela, sabe?

TEÓFILO — Ela... quem?

MARIA — Ah, o senhor não conhece não. Só eu é que conheço. Quando Ela estêve no quarto da Glorinha, nem a Glorinha a viu. Só eu. Ela comprou as minhas rosas, e no mesmo dia as rosas apareceram no jardim.

TEÓFILO — Hein?!

MARIA — Aí ela me deu uma porção de dinheiro, muito mesmo, só vendo!

TEÓFILO — Dinheiro?

MARIA — E'. Muito dinheiro. O papai ficou maluco, quando viu. A mamãe não acreditou não, sabe? Era um colosso de dinheiro! E as minhas rosas não valiam nem a metade. Valiam muito pouco. Mas aconteceu que quando eu voltei, de tarde, as rosas estavam no jardim...

TEÓFILO (Não está entendendo nada) — Hein? Como é mesmo?

MARIA (Mais viva) — Ah, mas isso não é nada. O pior foi quando ela mandou esperar até às 10 horas. O relógio estava parado. Quando foi às dez horas, o relógio andou e o dinheiro ficou sendo nosso.

TEÓFILO (Tonto) — Maria Angélica, por caridade... me explique essa embrulhada! Como é mesmo o caso do relógio?

MARIA — O relógio parou quando eu nasci, sabe?... Parou nas cinco horas, mas eram dez horas.

TEÓFILO — Como?

MARIA — Pois é. Êle bateu cinco horas, mas não eram cinco horas.

TEÓFILO (Cai) — Está bem. Vamos deixar êsse assunto para amanhã. Você deve estar cansada... viajamos o dia todo...

MARIA (Entristece) — O senhor acha que eu estou mentindo?

TEÓFILO — Não, não!

MARIA — Eu sei que o senhor não acredita... Mas eu juro que é verdade!... A Glorinha sabe que é verdade. Se ela estivesse aqui...

TEÓFILO — Bem... vá dormir. O Tio Juca vai levar você ao seu quarto. Amanhã nós conversaremos.

....

HORTÊNSIA — Conseguiu alguma coisa, Teófilo?

TEÓFILO (Desanimado) — Não. Ela não parece disposta a dizer a verdade. Tem mêdo de voltar para casa.

HORTÊNSIA — Mêdo?... Mêdo de que?

TEÓFILO — Não sei. Diz que a mãe a maltrata... que a fechou num quarto frio... Depois apareceu alguém que abriu a porta... Essa menina diz coisas que a gente não entende.

HORTÊNSIA — E' muito criança ainda...

TEÓFILO — Sim, mas uma criança nessa idade já sabe o que diz... principalmente u'a mulher. (Pausinha — Pensativo) — E a Maria Angélica não tem jeito de menina travêssa.

HORTÊNSIA — Não tem não. Teófilo... os pais dessa menina devem estar preocupados. Precisamos fazer alguma coisa...

TEÓFILO — E'... precisamos. Mas que podemos fazer? Obrigá-la a dizer a verdade?

HORTÊNSIA — Isso que ela lhe disse não seria a verdade?

TEÓFILO (Num movimento) — Ora... não me faça rir. Ela só diz tolices! (Pensativo) — Apesar disso... eu gosto dela. E acho que sentiria muito se ela fôsse embora daqui...

HORTÊNSIA — Ela me cativou também. E parece feliz em nossa casa...

TEÓFILO — Sim... ela se sente feliz aqui. Só vendo com que ardor me pediu para ficar!

....

CLÓVIS — Acordados até agora?

HORTÊNSIA — Ficamos conversando... e nos esquecemos da hora.

CLÓVIS — Já é tarde, mamãe. (Pausinha) — Então, papai?... Já sabe quem é a nossa hóspede?

TEÓFILO — Não. Sei que se chama Maria Angélica e adora complicações.

CLÓVIS (Sorrindo) — Como?

TEÓFILO — Converse com ela cinco minutos e ficará louco. Nunca vi tanto disparate.

HORTÊNSIA — Seu pai exagera, Clóvis.

TEÓFILO — Pois sim. Se ouvissem a história do relógio que bate dez horas, mas não são dez horas, porque êle bateu apenas cinco e não são cinco horas...

CLÓVIS — Hein?

TEÓFILO — Pois é. E' isso mesmo. Mas ainda tem mais. Há também uma história de rosas, que de tão complicada não consegui entender. Nem sei como é.

CLÓVIS (Ri) — Pois eu faço questão de ouvir isso amanhã. E se houver mistério, eu saberei desvendá-lo.

TEÓFILO — Quero só ver.

CLÓVIS — Ela já foi dormir?

TEÓFILO — Já. O Tio Juca tomou conta.

CLÓVIS — Eu sabia!... O velho adora crianças.

HORTÊNSIA — Ficou todo caído pela Maria Angélica. Falou até em não trabalhar amanhã, só para andar com ela por aí pela fazenda.

TEÓFILO — Antes assim. A menina parece mesmo precisar de carinho. A gente vê no seu jeitinho uma sombra de sofrimento...

CLÓVIS — E'... Deus permita que possamos ajudá-la nalguma coisa.

....

TIO JUCA — Olhe... é tarde... e já conversamos muito. Agora convém você dormir.

MARIA — Se o senhor quisesse conversar mais um pouquinho comigo...

TIO JUCA (Sorri) — Amanhã vamos ter muito tempo para isso, meu bem. Hoje você está cansada, viajou muito... e deve repousar.

MARIA — Tio Juca... (Tosse) —

TIO JUCA — Eh!... Eu acho melhor preparar para você um chá de alho bem quente. Se essa tosse continuar...

MARIA — Passa logo...

TIO JUCA — Hum!... Doença, para vir, não precisa ninguém trazer. Mas depois que ela chega, se a gente não tomar remédio, ela não vai embora. E você é muito franzina... não deve facilitar.

MARIA — E' coisa sem importância. (Tosse) —

TIO JUCA — No princípio, tôda doença é sem importância. Mas depois... Convém dormir, Maria Angélica. E' muito tarde.

MARIA — Tio Juca... o senhor acredita em mim?

TIO JUCA — Acredito, sim. Por que pergunta?

MARIA — E' que... Eu acho que o sr. Teófilo não acreditou não, sabe?

TIO JUCA — Não?... Ora, eu conheço êle muito bem. Falou assim só para brincar com você.

MARIA — Acho que não. De certo êle está pensando que eu sou mentirosa.

TIO JUCA — Bobagem! Não se impressione com isso não. Procure dormir, e amanhã a gente conversa tudo direitinho.

....

Enquanto isso, em sua casa a situação piorava. Todos estavam inquietos com o seu desaparecimento e ninguém sabia que atitude tomar para encontrá-la. D. Malvina se mostrava preocupada, com a acusação de todos a pesar-lhe sôbre os ombros.

....

MALVINA — E' um absurdo, padre Luís. Ninguém pode afirmar que eu... que eu fiz isso com a Maria Angélica!

SINTONISANDO

"Flagrantes cariocas", têrça-feira, 20 de janeiro, às 21,30 hs., Roquete Pinto. — Entre as produções que marcaram a grande programação que a D-5 apresentou na data da fundação da cidade, "Flagrantes cariocas" foi a que mais agradou, devido ao carinho que lhe dispensou Lauro Uller, o autor do "script". Entre os rádio-atores que se destacaram, colocamos em primeiro plano Hélio Alves, que criou de maneira bem interessante a figura de Osvaldo Cruz; secundando-o, Ivan Silva, Hélio Marinho, O. Corrêa, Ildelindo Carvalho, dirigente da equipe, e outros que também tiveram atuação apreciável. A narração coube a Jair Silva, sem êrro algum, um dos mais perfeitos "annunceurs" do sem fio metropolitano. Sua voz bem timbrada, temos certeza, prendeu muitos ouvintes à produção do talentoso Lauro Uller, um dos grandes nomes do rádio carioca na feitura de fundo cultural. Além de "Flagrantes cariocas", a Roquete Pinto ainda apresentou "A cidade marcha", "rádio-script" de Berliet Júnior; "Rio de Janeiro, cidade sonho", de autoria de Sandra. Bem intencionados, mas não chegaram a agradar em cheio. Muito boa a programação que a veterana PRD-5 dedicou à nossa São Sebastião do Rio de Janeiro.

★

"Histórias que a vida escreveu", quinta-feira. 22 de janeiro, PRN-9, Difusora do DFSP. — Pela primeira vez tivemos a oportunidade de ouvir um espetáculo rádio-teatral da N-9. Não fomos mal sucedidos, pôsto que a rádio-peça que ouvimos na série "Histórias que a vida escreveu", "Norma", escrita por José Fernandes, muito nos agradou. Vivendo o papel título, aliás de maneira muito agradável, Miriam Teresa deixou antever que, dentro em breve, será uma das grandes rádio-atrizes do "hertz" de nossa terra. Seguindo as suas pegadas, Heniguimar criou uma Alice leve que, não fôsse a estreiteza de seu papel, terio superado a criadora de Norma. O naipe masculino estêve num dia muito feliz e deu perfeita criação aos tipos que lhe foram entregues. Sonoplastia bem intencionada, direção bem firme ao que nos parece, pois poucos foram os "baixos" notados, contrôle de som regular de Renato Rosa, gostamos do espetáculo de "Histórias que a vida escreveu". Se continuar assim, qualquer dia a PRN-9 estará apresentando uma das melhores programações rádio-teatrais do rádio carioca.

★

"Regra de três", sexta-feira. 23 de janeiro, às 21,35 hs., Mayrink Veiga. — Antônio Maria não perde a sua maneira de produzir programas que, logo de pronto, prendem a atenção dos rádio-ouvintes. "Regra de três" é a sua mais nova produção para a PRA-9. Apresentado num horário bem invejável, êsse (Cont. na pág. 34)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio Social

TIA LAURA

CUPIDO E O CARNAVAL

Cupido é um garotão travêsso mesmo. Não mede distâncias, não teme o tempo, e quando tem que flechar alguém com seu bodoque maravilhoso é excusado querer fugir ao seu ataque. No rádio êle tem feito inúmeras vitimas... E que vitimas felizes, leitores!...

O Carnaval, barulhento que só êle, já nos bate à porta, num ímpeto buliçoso, colorido, deixando antever como será alegre neste 1953. E o Carnaval — não esqueçamos — é o campo preferido para as ações de Cupido... Como trabalha, nos três dias, o simpático garôto... E a gente do rádio, que brinca como quê, não temos dúvidas, será duramente atingida pelas maliciosas flechadas de Cupido.

CLÓVIS NO ROL DOS SÉRIOS

Clóvis Cardoso, valoroso locutor da PRD-2 e da PRN-9, resolveu abandonar a vida de solteiro e entregar os pontos à sta. Luzia Vera Cruz, no dia 8 transato, numa igrejinha de Maria da Graça.

LOCUTOR "DON JUAN"

Não sabemos ao certo se um conhecido "annonceur" da Nacional, que há anos estêve na Inglaterra, já deixou de perseguir uma simpática intérprete que pertencia ao "cast" da Tupi. Êle, casado e cheio de filhos, queria, à tôda fôrça, que a linda amazonense vivesse subjugada à sua estampa oriental.

ORLANDO ESCLARECE

Estivemos com o Orlando Corrêa e êle nos garantiu que seu casamento com a simpática Lourdinha Stelita não está muito distante. Qualquer dia dêsses o correio nos surpreende com o convite do criador de "Meu sonho é você".





acaba com as Brotoejas



JOÃO FRE

A M A R A L I N A

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JA SE ENCONTRA A VENDA EM TÔDAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NAO EXISTE NA SUA CIDADE, NAO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE *"AMARALINA"* É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARAO A NASCER. NA PARALISAÇAO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINARIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

PONTOS de VISTA

— "Negado por uns e incompreendido por outros, o rádio é não obstante êsse grande e belo veículo de arte e cultura conhecido. E' certo que, devido a causas sabidas, não rende êle na forma comercial o quanto poderia render em condições diferentes. Na verdade, pode-se dizer que o rádio entre nós realiza sòmente o mínimo de tôdas suas possibilidades em pessoal e em aparelhagem técnica. O rádio ideal em espírito, evidentemente, é aquêle em que Kachturian não faltasse em nenhuma discoteca, em que os anunciantes não existissem ou exercessem influência secundária e os preconceitos não prevalecessem tanto como na atualidade". — *Lima Duarte*

— "Sem achar que deva justificar meu voto, fiz minha candidata Aidée Miranda. Falta-lhe o prestígio, a popu- (Cont. na pág. 30)

CINE-CRÍTICA...

(Cont. da pág. 20)

de perto a evolução do tempo, trabalham pelo progresso dos conhecimentos humanos... satisfazendo aos «olhos e ao coração !» Cinema que nos mostra, que, «a felicidade não se compra», cinema que cria amizades... as transformando em amor, — eis, portanto, a «sétima arte» influindo, decisivamente, no seio das sociedades, na vida dos povos! Indiscutivelmente, é o cinema, a diversão máxima, que goza de uma simpatia unânime, privilegiada e universal, sempre permanecendo na liderança da preferência pública. As produções cinematográficas, quase sempre, satisfazendo aos desejos passionais de cada espectador, encaram situações, indireta e as vêzes diretamente relacionadas com a nossa própria vida. Em muitas ocasiões, o cinema, penetra tanto em nosso íntimo, que, se estivermos acompanhando, atentos, o desenrolar da película, sentimo-nos, tal, como se fôssemos, os intérpretes da mesma. Bem podemos dizer, que, a «ação cinematográfica», atinge o nosso próprio coração e daí transportase aos olhos, umedecendo-os, e envolvendo-nos num momento de emoção, como no caso, por exemplo, de um grande drama, tal como «Romeu e Julieta», em que dois corações tombam mortos, abraçados pelo mesmo amor... por um fervoroso amor, que nem mesmo a morte ousou destruir. Igualmente, nos emociona, «Em cada coração, um pecado», etc., etc., Fato é, — meu prezado leitor, — que, o verdadeiro fã de cinema, sempre vive, um pouco da ação, vivida na tela; e, notadamente, os clássicos «filmes de amor», são os que mais influem no seio de tôdas as plateias... granjeando admiração geral, e deixando muitas saudades, porque êles, geralmente, se adaptam, aos nossos sentimentos, despertando em ambos os sexos, o desejo de ser feliz ! E, ainda assim, parece mentira, e por mais incrível que preça, há sempre os que menosprezam e negam, a grande influência do cinema, na vida dos povos; são os «insensíveis», que não vivem, mas vegetam ! O cinema tem a faculdade de nos transportar a mundos sonhadores, onde só exista felicidade e isto é-nos necessário a vida real, porque, se devemos, de fato, viver a realidade, — de um lado, obscura e mortífera, — não é demais, também sonhar e construir alguns castelos, que nos dê, pelo menos, alguns momentos de felicidade... ainda que ilusória e passageira. Afirmar que o cinema não influi na vida dos povos, de um modo geral, e, na vida privada de cada um de nós, de um modo todo especial, direto ou indireto, é não estar presente ao século atual ! Nada mais direi, meu prezado leitor; apenas, citarei, «O Morro dos Ventos Uivantes», «Em Cada Coração Um Pecado», «De Amor Também Se Morre», e, «Na Noite Do Passado», (para não citar outras mais), — produções que confirmam, plenamente, a grandiosidade da «ação cinematográfica», que não só vive nos planos materiais, mas que também sobe aos píncaros do invulgar, penetrando em nossos corações, emocionando os «nossos eus», e afastando-nos, um pouco, das preocupações cotidianas. Êsse, meu prezado leitor, — é o trabalho do cinema, e trabalho êsse, que, nos proporciona, ao menos, um momento de felicidade ! Reconheçamos, pois, o valor dêsse trabalho e o dêsse momento, porque a própria filosofia do cinema já nos disse que, «DO MUNDO NADA SE LEVA !»

Tenente **ADIR MADEIRA DE MATTOS**

PÁSCOA DE...

(Cont. da pág. 17)

obrigando todos a uma miséria forçada ou a venderem por qualquer dinheiro os seus rebanhos. Esta nova proeza provoca uma revolta coletiva contra Bonfiglio. Entretanto Bonfiglio resolve casar-se com Laura, mas a jovem repudia-o, mas a sua mãe por um senso de reparação acolhera em sua casa. Francesco vem a saber das violências que Bonfiglio praticara contra a sua irmã Maria Grazzia, para vingar-se consegue fugir da prisão com a ajuda de Salvatore um bizarro malfeitor. A notícia desta fuga decide Laura a ajudar Francesco nos montes. A polícia inicia uma rigorosa batida no que é ajudado pelos pastôres. A montanha é cercada por uma cortina de homens armados. Os pastôres aconselham a Francesco que se entregue a autoridade e prometem que o ajudarão numa revisão do processo. Francesco porém, está agora, resolvido fazer justiça com as suas próprias mãos e pela manhã se mete a caminho para a vindita. Vai em companhia de Laura que agora entregara-se a êle para sempre. Apertado pelo cêrco policial êle se dirige para a casa de Bonfiglio, que avistando-o primeiro, dispara o seu revólver ferindo-o ligeiramente. Aterrorizado com a aproximação do seu inimigo Bonfiglio foge e leva Grazzia, que o segue temendo que êle se vingasse nela.

Um socorro inesperado e providencial surge em favor de Francesco: o cão de Bonfiglio se mete na pista do seu dono e, com isso, provoca um estouro da boiada. O pó levantado pelo tropel permite que Francesco siga o fugitivo. Êste pede guarida aos pastôres, mas tôdas as portas se fecham com violência ante a sua presença. Enfurecido Bonfiglio volta a sua ira para Maria Grazzia a quem trucida. O dacáver é encontrado pelos pastôres que, indignados, lhe fecham tôdas as vias de fuga. Entretanto os policiais tardam entretidos por Salvatore que deseja retardá-los para que Francesco ganhe tempo. Êste reunido aos pastores empunhando um unido aos pastôres empunhando um fuzil avança contra Bonfiglio fica visto do inexorável fim que o espera vai recuando até espatifar-se lá no fundo contra a rocha.

A vingança tinha sido efetiva, lá estava o criminoso esfacelado, mas sem que tivesse sido ferido por qualquer golpe humano. Deus castigara-o. Agora Francesco não opõe nenhuma resistência à polícia. O processo será reaberto e o jovem poderá casar-se com Laura e começar uma nova vida.

O Carnaval tomou...

(Cont. da pág. 23)

Na programação noturna, com exceção de algumas audições, como a de Sílvio Caldas, que não gosta de carnaval, ou melhor, não confia nos compositores carnavalescos, e de Dorival Caymmi, que prefere soluçar ao violão o drama dos pescadores de sua amada terra baiana e a do próprio Lúcio Alves, que inexplicavelmente desprezou o carnaval e ao lado de sua namorada radiofônica, Dóris Monteiro (esta é da folia), apresenta o programa romântico "Ela e Êle".

Em compensação, vamos ter Dalva de Oliveira às segundas-feiras, às 21,30 horas, apresentando suas grandes criações, com "Rouxinol", marcha-rancho, ou "Vai na paz de Deus", samba. João Dias, o "Príncipe da Voz", não fica atrás; apesar de não estar completamente na folia, tem algumas músicas que podem muito bem conquistar a preferência do grande público, como "Beber faz bem" e "O grande Caruso".

Às têrças-feiras, Chico Veiga, o Poeta do Rádio, produz o programa "Você é quem manda", em que os rádio-atores e cantores apresentam uma divertida meia hora foliona com êste gôsto inerente ao velho Veiga.

As quartas e sextas-feiras, às 21 horas e 30 minutos, temos "Cartazes do Cacique", outra audição de ritmos de Momo. Todos êstes são apresentados do majestoso auditório das Associadas que se apresenta quase sempre com suas dependências lotadas, provando desta maneira a preferência que o público tem pelo carnaval.

★

Mas, cantores e animadores não fazem sòzinhos o carnaval. São êstes "acessórios" de importância transcendental às animações, como as orquestras de Severino Araújo, de Carioca ou de Raimundo Lourenço, dos regionais de Rogério Guimarães e Claudionor Cruz. A graça e a cadência das bem treinadas pastôras de Ataúlfo Alves ou do homogêneo côro popular de Erasmo Silva, que não só acompanham como realçam a interpretação das músicas, da animação enfim.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

O GÊNIO DA LÂMPADA...

(Cont. da pág. 14)

Príncipe Bokra, não importa o receio de suas damas, não importam a dor e o sofrimento, nada importa porque acima de tudo está o amor. E a Princesa Jasmine ama. Ama perdidamente Aladim e com êle háde casar-se.

Bokra, o terrível Bokra, sorri maquiavèlicamente. Pensamentos diabólicos fulguram como relâmpagos em sua face lívida e cruel. Essa união jamais se realizará, êle ordena que Jasmine seja raptada e que o abjeto e insignificante Aladim seja morto, como um cão, esmagado como uma víbora.

Mas Alá protege os bons, talvez lá do alto das mesquitas seculares, e Maomé não esquece o seu rebanho. Assim a doce, a meiga Jasmine e seu bravo enamorado conseguem escapar da morte. O destino, porém, que escreve certo por linhas tortas deixa-os ser presos mais tarde, por um mercador de escravos, que os vai vender na grande feira de Bagdá.

Entrementes, o feroz capitão da guarda do Príncipe Bokra chega à feira, onde costuma examinar as mercadorias para seu chefe e senhor. A infeliz princesa é comprada imediatamente, assim como é prêso o pobre Aladim, mas êste, ainda uma vez, consegue fugir não obstante a tremenda perseguição daqueles desalmados assassinos. Acontece, porém, que a linda princesa apesar de ter sido comprada não foi identificada como a senhora dos sonhos de Bokra. Disso pode valer-se a doce Jasmine para marcar um encontro com Aladim, fora dos muros do Palácio. Mas quando ela vai realizar o seu intento é prêsa e levada à presença do Príncipe Bokra.

O hediondo déspota manda atirá-la cruelmente à câmara de tortura, que se encontra nos misteriosos subterrâneos do imenso Palácio. E quando ela está sendo acorrentada, chega Aladim e, de um salto felino, espada erguida, enfrenta furiosamente o bárbaro Príncipe Bokra. Os aços de afiados gumes se cruzam arrancando raios de fogo e de ódio. Em dado momento o príncipe abate-se no chão úmido beijado na face pela lâmina do destemido Aladim.

Será apenas um segundo. Um segundo entre a vida e a morte. O jovem e sua bem amada procuram fugir.

Bokra, refeito da queda e do ferimento, persegue-os. Mas ao fazê-lo acaba encontrando, inesperadamente, a «lâmpada mágica», de Aladim e a esfrega desespedaramente. A «lâmpada» transforma-se numa nuvem e esta toma a forma do Gênio que diz ao celerado que êle, também, poderá formular um desejo que será satisfeito.

«— Mas uma vez cumprida a minha promessa tu morreras !» — adverte o gigante que é o gênio do bem e do mal.

Bokra, desvairado quer que Jasmine, a sua bela Jasmine, e o miserável Aladim, voltem.

Imediatamente, ei-los em sua presença, ali mesmo na câmara de tortura. Mas acontece, também, o inevitável: reaparece o Gênio e, como havia prometido, mata o príncipe.

O futuro pertence agora a Jasmine e a Aladim, que vão percorrer o longo caminho da felicidade.

TAB HUNTER O...

(Cont. da pág. 19)

alcançar entre as garôtas americanas. O filme começou a passar na tela. De repente, surge Tab Hunter.

Tal qual sucedeu nos primeiros tempos de Frank Sinatra, as jovens espectadoras soltaram gritinhos ! Os **ohs** e **ahs** se sucederam. Tab, ao que parecia, havia despertado no mundo feminino grande interêsse.

Ouviam-se, depois do filme, comentários das mulheres e jovens.

«Êle é admirável ! E' um amoreco! Alto, louro, fenomenal !»

As revistas de cinema o apelidaram logo de «Brotinho». Aliás, no filme, é êsse o nome que lhe dão os colegas de armas, em virtude de sua extrema mocidade e de sua grande beleza física.

Tab Hunter desempenha-se do papel com grande habilidade. E' claro que, com o passar dos anos, com mais experiência, o seu trabalho há-de melhorar, acreditando-se em Hollywood que a sua carreira esteja feita. Tab Hunter chegou e venceu.

Que dizem as leitoras de CENA MUDA ? O rapaz é mesmo o **brotinho** louro, alto e fenomenal que as americanas consagram ?

Aqui está, em reportagem especial, e em primeira mão, um pouco de Tab Hunter, resta esperar pelo aplauso das garôtas brasileiras...

SINTONIZANDO...

((Cont. da pág. 33)

programa já deve possuir um bom nível de audiência, isso devido a sua originalidade: da primeira à última página do "script" o número três é visto de tôda maneira, mais fortemente no lado humorístico. Luís Jatobá tem a seu cargo a narração o que, sem dúvida, já é um forte imã para êsse sexta-feirino da A-9. A equipe de comediantes apareceu em grande estilo e o Regional de Canhoto defendeu muito bem o "escore" musical. Sem injustiça alguma, abriremos um parêntesis para Nanci Wanderley, figura destacada em tôda a programação mairinquiana. Nanci, como sempre, saiu-se muito bem em sua parte e, mais uma vez, fêz jus ao cognome que recebeu de "a preferida dos produtores da PRA-9". Mais uma vez, Antônio Maria está de parabéns.

★

"Música do crepúsculo", sexta-feira, 23 de janeiro, às 18 hs., Eldorado. — Muitos não querem reconhecer a fôrça da Eldorado, mas é inegável que ela não seja a primeira emissora em discos no Distrito Federal, quiçá em todo o Brasil. Seus programas de música em conversa são selecionados e dificilmente desagradam aos que os sintonizam. Entre êles, merecidamente, destacamos a "Música do crepúsculo", cartaz diário das dezoito horas. As mais famosas orquestras do mundo desfilam com suas apuradas e doces melodias, que nos levam a mundos fantásticos, cheios de beleza e enebriamento. Os que adoram as páginas de Victor Young, Peter York, George Melachrino, Marck Weber, Henry René, e Paulo Weston devem sintonizar os 550 quilociclos da Eldorado. Temos certeza que não se decepcionarão.

★

"Teatro psicotécnico", domingo, 18 de janeiro, às 22,12 hs., Nacional. — J. Ruy, não podemos negar, é um dos maiores produtores humorísticos de nosso rádio. Desde os tempos da Tupi, quando seu nome era pronunciado à balada na "Seqüência G-3", os "scripts" que produzia eram motivo de grandes gargalhadas para os ouvintes caciqueanos. Agora, na E-8, J. Ruy lançou o alucinado, no campo dos trocadilhos infames, — porém agradáveis para quem os aprecia, — "Teatro psicotécnico", dominical de maior audiência da "terceira emissora do mundo". Não perdemos uma só audição do "Psicotécnico". Gostamos de "Os três mosqueteiros", de Dumas, que viveram grandes piadas e grandes trocadilhos. A equipe que atua tem apresentado trabalhos de mérito, principalmente Domicio Costa que tem se saído às mil maravilhas nos personagens que o J. lhe entrega. Poderão nos condenar, mas não receiamos dizer que o "Teatro psicotécnico" supera em muito o náuseo "Balança mas não cai", no momento o maior cartaz obceno do rádio metropolitano. Continuando a produzir seu "psicotécnico" com honestidade, sem usar o "double-sens", J. Ruy terá sempre o nosso sincero aplauso.

"PIN-UP" DA SEMANA:

Possuidora de todos os requisitos físicos exigidos para uma perfeita «pin-up girl», Ava Gardner ve mprovando ser, também, uma ótima atriz. Provam-no seus filmes «Pandora» e «As Neves de Kilimanjaro». Na vida real, desde seu faladíssimo casamento com Frank Sinatra, Ava vem sendo alvo das mais escandalosas manchetes jornalísticas, devido às constantes brigas com o «crooner» temperamental. Atualmente, a encantadora «estrêla» encontra-se na África filmando «Mogambo», para a Metro, com Clark Gable

1715

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25,00

GRÁTIS

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ

Maravilhosamente ilustrado **a côres**, por Fortunio Matania

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO → CRISTÃO — CATÓLICO
CIVIL — ISRAELITA —
PERPÉTUO — PERPÉTUO
DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS → CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO —
AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 → TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMÊÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque 1953

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO